



Universidade de Brasília



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
POLO BARRETOS-SP**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DO
MUNICÍPIO DE BARRETOS-SP**

Flavio Jerônimo da Costa

**BARRETOS-SP
2012**

EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE BARRETOS-SP

FLAVIO JERÔNIMO DA COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para aprovação no Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa UAB da Universidade de Brasília – Polo Barretos-SP. Sob a orientação da professora Mestra Margarete Zambeli da Silva.

BARRETOS

2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que fizeram parte ativamente
da minha vida acadêmica e aos amigos.

Em especial a pessoa que sempre me influenciou nas
minhas decisões em constante presença, pelo carinho,
zelo e dedicação.

Este trabalho eu dedico a você Professora Ms. Margarete
Zambeli da Silva.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela saúde e força que tem me dado até este presente momento, aos meus amigos Ana Maria, Rozemary, Maikol, Carla Lee, Gesse, Luciene, Núbia, Andréa, André, Thiago, Gilberto, Neiva, Luciana, Ana Paula, Anderson, Juliana, Fernanda Cruvinel, Mirka Costa, Marcia Machado, Antonieta Marchi, Wladimir, Uelton, Dinelaine, a minha cachorrinha July e aos meus grandes mestres que estiveram junto comigo nesta luta.

A minha Professora de Estagio Supervisionado da Educação Fundamental II Luzinete Candida de Souza Carvalho da Silva que esteve presente em vários momentos da minha vida fazendo valer a minha força e pelo incentivo nos momentos mais precisos, obrigado por depositar a sua confiança em mim.

Professor Paulo Cesar Campos, sem palavras para definir esta pessoa, que sempre esteve presente durante este percurso de formação, mostrando-me sempre uma luz nos momentos de aflição e desânimos, obrigado por confiar em mim.

A Professora da Pedagogia da Dança Escolar Rosângela de Andrade Oliveira que foi essencialmente responsável pela minha formação, agradeço de coração aos poucos momentos que aprendemos juntos o valor da profissão.

E a Universidade de Brasília que me deu esta oportunidade de concluir a graduação no curso de Educação Física.

A Deus supremo Ser incomparável agradeço por tudo, mais uma vez pela saúde e força que tem me dado neste longo percurso e acredito que irá permanecer sempre ao meu lado, dando-me força sempre na luta cotidiana para que eu possa gozar da minha formação transformando sempre um novo ser através de meus conhecimentos que certamente são os dons que vossa senhoria me concebeu.

Muito Obrigado!

EPÍGRAFE

**“A vida é uma peça de teatro que
não permite ensaios. Por isso,
cante, chore, dance, ria e viva
intensamente antes que a cortina
se feche e a peça termine sem
aplausos”.**

Charles Chaplin (1977)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS.....	9
CAPITULO 1- HISTORICO DA EDUCAÇÃO FISICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	10
1.1 A Educação Especial: Contexto Histórico e Político	10
1.2 Formação de Educadores	12
1.3 Declaração de Salamanca	16
1.4 Educação Inclusiva: Um estudo na área da Educação Física	17
1.5 Educação Física e Inclusão Escolar: Em busca da Superação dos Limites da Adaptação	21
CAPITULO 2 – A PESQUISA DE CAMPO	25
2.2 Os Sujeitos e o Campo de Pesquisa	27
2.3 O Instrumento de Pesquisa	28
2.4 Apresentação dos Dados	30
2.4.1 Entrevista com o Gestor	30
2.4.2 Entrevista com Professor A	31
2.4.3 Entrevista com Professor B	32
CAPITULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	33
3.1 Formação	33
3.2 Prática Pedagógica	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5. REFERÊNCIAS.....	44
6. ANEXOS	46

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

APAE – Associação dos Pais e Amigos Excepcionais

EF – Educação Física

PNE – Pessoa com Necessidades Especiais

LDBEN – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

INTRODUÇÃO

A razão na qual se pretende estudar os aspectos da Educação Física e Educação Inclusiva no contexto escolar do ensino fundamental na cidade de Barretos-SP. Está relacionada ao processo pedagógico e didático do professor de Educação Física e sua formação acadêmica, na qual está inserido o aluno especial.

A Educação Física no Estágio Supervisionado da Educação Infantil, me trouxe possibilidades para desenvolver o projeto de pesquisa, pelo fato de que durante as aulas, as adaptações de atividades deixaram bem claro que; para trabalhar os conteúdos básicos da Educação Física onde possui um aluno especial, requer uma formação pedagógica relevante aos conceitos de conhecimentos metodológicos.

Neste ambiente, pretende-se analisar e avaliar a metodologia aplicada pelo professor de Educação Física e sua formação acadêmica.

Diante desta proposta de investigação com base no problema de pesquisa, as questões norteadoras deste problema serão aplicadas para professores de Educação Física da rede Municipal de Educação do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano nas escolas de Barretos.

Para tanto, a Educação Física escolar perante a Inclusão é um processo que vem apresentando dificuldades para o professor de Educação Física, onde os mesmos não trabalham de forma que qualifique as aulas de Educação Física no processo de formação intelectual do aluno especial, por conta de não ter uma formação continuada.

Nestes aspectos pode-se perceber que muitas coisas mudaram até aqui sobre a questão de inclusão, mesmo porque o tema de Educação Inclusiva ainda é bem polêmico, é um assunto que deve ser tratado com muita cautela e conhecimento específico, pois muitos ainda não acreditam que a escola pode transformar o aluno.

O que vem sendo tratado em questão é qualidade educacional que emerge soluções efetivas para que o professor de Educação Física, vivencia a perspectiva de inclusão com qualidade e parâmetros para a prática fundamentada na legislação a LDB 9.394/96, respaldadas na Constituição

Federal de 1988, que garante aos portadores de necessidades especiais os serviços necessários para a sua aprendizagem e desenvolvimento, respeitando suas peculiaridades e necessidades.

A sociedade esta aceitando mais esse novo contexto, mas também deixa evidencia de que a escola em geral é um grande aliado neste processo de inclusão, na qual deve ser orientada e trabalhada junto á profissionais capacitados para qualificar o ensino, tanto, como fornecer formação continuada para os professores de Educação Física e toda a equipe que engloba o ambiente escolar.

É de suma importância também declarar que muitos professores tem menos resistência com a temática da inclusão e percebemos que muitos buscam cursos para desenvolver o trabalho pedagógico na escola, para desmistificar que não há possibilidades de inserir o aluno especial em suas aulas, e com isso o trabalho se torna qualificado e prazeroso para o aluno e na mesma medida contempla o trabalho do professor e a escola, para o futuro sem preconceitos e menos excludente.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Analisar a formação inicial e continuada do professor de Educação Física sobre a temática da inclusão da criança com deficiência.

Objetivos Específicos

- Analisar na formação inicial do professor o que contribuiu para trabalhar com a criança com deficiência.

- Investigar na formação continuada as ações que tem dado suporte para o trabalho da criança com deficiência.

- Compreender as dificuldades que o professor de Educação Física tem para desenvolver seu planejamento que inclua a criança com deficiência física.

- Mapear as ações do governo municipal para o suporte do trabalho do professor em relação à criança com deficiência.

Capítulo 1 – Histórico da Educação Física no contexto da Educação Inclusiva

Neste capítulo apresenta uma análise do referencial teórico em bibliografias que trata do assunto da Educação Física e Educação Inclusiva, na perspectiva de analisar e conhecer na fala de autores a discussão sobre a temática de Inclusão.

O desenvolvimento estrutural monográfico apresenta dentro dos dados bibliográficos artigos referenciais dos conteúdos estudados estabelecendo um diálogo entre autores que desenvolvem seus temas e suas relações com o contexto educacional.

Trabalha-se neste capítulo os referenciais teóricos como; relações entre os documentos subsidiários da Educação Inclusiva a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Carta de declaração de Salamanca (1994), Ministério de Educação e Cultura (MEC) e autores que desenvolvem uma discussão a cerca do contexto da Educação Inclusiva.

1.1 A Educação Especial: Contexto histórico e político

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Secretaria de Educação Especial apresenta um documento subsidiário à política de inclusão, o qual regulariza o eixo da educação para portadores de necessidades especiais na rede de ensino regular, apresentando eixos e argumentos metodológicos dentro da prática pedagógica docente.

[...] Convém aqui lembrar um trecho da declaração de Salamanca que destaca: “A preparação adequada de todo pessoal da educação constitui um fator-chave na promoção do progresso em direção às escolas inclusivas. (p.9).

Neste documento a carta de declaração de Salamanca (1994), declara um material importante no processo de educação inclusiva. Nestes aspectos vêm à contemplação de Educação e formação do professor atuante da área.

Segundo Páez (2001) “atender à diversidade é atender as crianças com deficiências, mas também todas as outras diversidades que aparecem cotidianamente na comunidade”.

É importante salientar que o processo de inclusão do aluno na escola regular, é um determinante fator de aprendizagem e socialização, na qual se fundamenta a integração e não exclusão.

Conforme os autores Paulon et al. (2005) deste documento apresentam, a discussão a cerca do processo de formação do professor na educação inclusiva, relembra um trecho da carta de declaração de Salamanca que destaca:

[...] A preparação adequada de todo pessoal da educação constitui um fator-chave na promoção do progresso em direção às escolas inclusivas”. Portanto fica evidente que os profissionais da educação inclusiva se queixam das dificuldades em atender os alunos de inclusão (p.9).

[...] Sabemos que um professor sozinho pouco pode fazer diante da complexidade de questões que seus alunos colocam em jogo. Por este motivo, a constituição de uma equipe interdisciplinar, que permita pensar o trabalho educativo desde os diversos campos do conhecimento, é fundamental para compor uma prática inclusiva junto ao professor (p.9).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), como uma modalidade de educação escolar que permeia todas as etapas e níveis de ensino.

A escola e sua concepção de educação especial supuseram que a educação especial “alunos especiais” que eram trabalhados na educação especial seria classificados como normal para frequentar o ensino regular em escola regular (normal).

A Declaração de Salamanca (1994) traz uma interessante e desafiadora concepção de Educação Especial ao utilizar o termo “pessoa com necessidades educacionais especiais” estendendo-o a todas as crianças ou jovens que têm necessidades decorrentes de suas características de aprendizagem.

1.2 Formação de Professores

Paulon et al (2005) relata que “A formação do professor deve ser um processo contínuo, que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio”.

É fundamental considerar e valorizar o saber de todos os profissionais da educação no processo de inclusão. Não se trata apenas de incluir um aluno, mas de repensar os contornos da escola e a que tipo de Educação estes profissionais têm se dedicado.

Trata-se de desencadear um processo coletivo que busque compreender os motivos pelos quais muitas crianças e adolescentes também não conseguem encontrar um “lugar” na escola. Segundo Jerusalinsky e Páez (2001):

São poucas as experiências onde se desenvolvem os recursos docentes e técnicos e o apoio específico necessário para adequar as instituições escolares e os procedimentos pedagógico-didáticos às novas condições de inclusão (p.35).

Os autores apontam que os obstáculos em que os educadores da educação inclusiva enfrentam pelo despreparo e os padrões em que o ensino aprendizagem apresenta em um curso de licenciatura.

Para tanto, Kupfer (2001) aponta que: “o professor precisa sustentar sua função de produzir enlace, em acréscimo a sua função pedagógica, e para isso necessita de apoio de uma equipe de profissionais”.

É importante salientar que no processo de educação inclusiva o professor deve estar amparado pela gestão de ensino, na qual que para produzir conhecimentos e adquirir competências para trabalhar com o aluno incluso e demais alunos, necessita de capacitação regular dentro dos problemas encontrados em sua atuação.

É válida também que o processo de capacitação docente seja feito com profissionais capacitados, onde emerge práticas pedagógicas e didáticas da formação continuada e de inclusão coerente junto à realidade escolar.

Barroso (2011) fala sobre os desafios enfrentados na prática pelos professores na educação inclusiva. O processo de inclusão segundo a autora:

[...] a escola inclusiva se baseia no princípio fundamental de que “todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter (CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 1994, p. 4-11).

A autora destaca que os desafios em que os professores enfrentam pela prática docente ao trabalhar com a inclusão, devem adotar hábitos didáticos e pedagógicos para transmitir conteúdos que dispõe dentro do processo de inclusão, subsídios para que o aluno aprenda de forma possível a lidar com as diferenças, sendo valorizado de acordo com suas limitações.

Neste processo cabem ao professor levar em conta também as características do aluno conforme as suas necessidades.

Na didática o professor deve ser orientador sobre as diferenças e desenvolver com supremacia uma pedagogia de valores sobre a inclusão, justificando o ensino didático-pedagógico com qualidade de saberes.

Para tanto, a autora coloca em questão as possíveis diferenças das escolas regulares e a escola de inclusão, na qual o papel das mesmas são diferentes no tratar de indivíduos que necessitam algum tipo de cuidado especial.

São fatores relevantes que exerce ser explorado com princípios didáticos e pedagógicos, não só por parte dos professores, mas sim pelos planos de ensino que a escola tem para contemplar a pedagogia do saber com base nas necessidades do aluno.

De encontro nesta fala (MENDES, 2006) fala sobre a educação inclusiva no Brasil, trazendo para o contexto pedagógico a Educação de qualidade e postura do trabalho educativo.

Segundo Mendes (2006);

[...] Destaca que o futuro da educação inclusiva no Brasil dependerá de um esforço coletivo, que obrigará a uma revisão na postura de políticos, educadores, pesquisadores, familiares e indivíduos com necessidades educacionais especiais, para trabalhar rumo a um bem comum, que seria garantir uma educação de qualidade para todos (p. 13-15).

Para Mendes (2006) o processo de inclusão com qualidade se baseia na postura de políticos educadores, na qual o sistema de ensino deve buscar ferramentas possa trabalhar o bem comum com a especificidade da garantia de uma educação para todos com qualidade, mas qualidade de ensino que busca atender o individuo especial dando suporte pedagógico e formação de saberes sobre o tema de inclusão.

Barroso (2011) cita uma entrevista realizada com o ministro da educação Fernando Haddad á revista Educação Especial (2008, p. 5) foi questionado

como o Ministério da Educação e Cultura (MEC) esta impulsionando esse processo de inclusão e se há resultados que indiquem mudanças nos sistemas de ensino na perspectiva das políticas de inclusão. Haddad destaca:

[...] a educação especial vem ocupando cada vez mais espaço na agenda do MEC, sobretudo nos últimos anos, e o papel da secretaria de educação especial junto às demais secretarias se amplia na perspectiva da inclusão (BARROSO, 2008, p. 5).

Pode-se ver que nos dias atuais o tema “Inclusão” tem sido um significado muito importante no meio educacional, os desafios encontrados principalmente pelos dirigentes do sistema educacional vêm se alavancando de maneira explícita.

Barroso 2011 faz referencia de acordo com Silva e Aranha (2005) “a educação para todos implica em um sistema educacional que respeita”. Reconhece e responde, com eficiência a cada aluno que nele se encontra inserida, mesmo porque a inclusão se torna um desafio para os docentes, pelo fato de que a inclusão já foi muito discriminada pelo não comprometimento tanto, quanto das políticas educacionais e formação do profissional.

A inclusão é um tema muito polemico sendo que, devemos estar bem orientados para tratar deste assunto, (BARROSO 2011) diz que: Apesar de todas as leis que amparam esses alunos, nos professores não estamos devidamente capacitados a ministra-los aulas adequadas.

A escola tem o seu papel de inserir o aluno especial, mas também é de suma importância garantir neste ambiente educacional a aprendizagem e ações que permita o desenvolvimento das capacidades intelectuais e socialização dos alunos especiais sendo garantida a não exclusão.

Para Sant’Ana (2005) vale destacar, porém, que a formação docente não pode restringir-se à participação em cursos eventuais, mas sim, precisa abranger necessariamente programas de capacitação, supervisão e avaliação que sejam realizados de forma integrada e permanente.

[...] Para Gotti (1988), a universidade, além de proporcionar cursos de aperfeiçoamento e de pós-graduação, deve envolver-se em pesquisas sobre o ensino aos portadores de necessidades especiais, desenvolvendo instrumentos e recursos que facilitem a vida dessas pessoas (p.228).

Segundo Sant’Ana (2005) a necessidade de preparação adequada dos agentes educacionais estar preconizada na Declaração de Salamanca (Brasil,

1994) e na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996) como fator fundamental para a mudança em direção às escolas integradoras, o que tem acontecido nos cursos de formação docente, em termos gerais, é a ênfase dada aos aspectos teóricos, com currículos distanciados da prática pedagógica, não proporcionando, por conseguinte, a capacitação necessária aos profissionais para o trabalho com a diversidade dos educandos (GLAT, MAGALHÃES & CARNEIRO (p.228).

Contudo, a autora Sant'Ana (2005) destaca:

[...] Embora Reis (2000) aponte que muitas vezes a prática do diretor, nas escolas brasileiras, é dificultada pelas exigências das atividades burocráticas e administrativas, esse profissional precisa ser atuante, promovendo ações que envolvam o acompanhamento, discussões e avaliações em conjunto com os participantes do projeto educacional, a fim de exercitar as dimensões educacional, social e política, inerentes a sua função (p.229).

Neste processo a autora Sant'Ana (2005) destaca as concepções da educação inclusiva e supostas ações de professores e diretores da rede de ensino educacional, e princípios que define a proposta de inclusão citando argumentos de autores referenciais para analisar o processo de formação de professores e diretores no desenvolvimento das ações legais da educação inclusiva.

1.3. Declaração de Salamanca

De acordo com os documentos orientadores universais; segundo os (Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral) A Declaração de Salamanca, resultado da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada na Espanha em 1994 com participação de 92 países, inclusive o Brasil, e que teve o objetivo de promover a educação para todos, sendo considerado um dos documentos mais importantes para o desencadeamento e estruturação do processo de inclusão educacional das pessoas deficientes.

No Brasil, do ponto de vista legal, e seguindo os princípios determinados PE pelos documentos orientadores de âmbito internacional, a Educação

Especial fundamenta-se na Constituição da República Federativa do Brasil, especialmente em seu artigo 208 que determina: Art. 208 - O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de III - Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiências, preferencialmente na rede regular de ensino.

De acordo com Sant'Ana, Izabella Mendes (2005), apresenta um trecho da carta de Salamanca que diz:

[...] a inclusão escolar de crianças com necessidades especiais no ensino regular tem sido tema de pesquisas e de eventos científicos, abordando-se desde os pressupostos teóricos político filosóficos até formas de implementação das diretrizes estabelecidas na referida declaração (p. 227).

Para Goffredo (1992) e Manzini (1999);

[...] têm alertado para o fato de que a implantação da educação inclusiva tem encontrado limites e dificuldades, em virtude da falta de formação dos professores das classes regulares para atender às necessidades educativas especiais, além de infra-estrutura adequada e condições materiais para o trabalho pedagógico junto a crianças com deficiência. O que se tem colocado em discussão, principalmente, é a ausência de formação especializada dos educadores para trabalhar com essa clientela, e isso certamente se constitui em um sério problema na implantação de políticas desse tipo. (p. 228).

1.4 Educação Inclusiva: Um Estudo na Área da Educação Física.

A educação física como processo de formação educacional, é uma disciplina cujo, elenca benefícios físicos, social, emocional e aprendizados pedagógicos na perspectiva de construir e valorizar seus aspectos culturais.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

[...] Por desconhecimento, receio ou mesmo preconceito, a maioria dos portadores de deficiências físicas foram (e são) excluídos das aulas de Educação Física". A participação nessa aula pode trazer muitos benefícios a essas crianças, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades afetivas, de integração e inserção social (p.31).

De acordo com, AGUIAR e DUARTE (2005),

[...] Para Cardoso (2003) a inclusão de alunos com necessidades especiais na escola regular, constitui uma perspectiva e um desafio para o século XXI, cada vez mais firme, nos diferentes sistemas e níveis educativos (p.224).

Embora os documentos relativos aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da educação física para portadores de necessidades especiais junto com a fala dos autores que referencia Cardoso (2003), Carvalho (2011) destaca o contexto da escola regular á pratica e ações da Educação Física como processo de inclusão ou de exclusão.

Carvalho 2011, cita Eminergídio, et al. 2010; que:

[...] a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais matriculados nas classes comuns do ensino regular requer um atendimento educacional de qualidade para que sejam garantidos o seu acesso e a sua permanência no contexto escolar. (p. 18).

Na argumentação do autor Carvalho (2011) que cita uma referencia de (EMINERGÍDIO, et al., 2010) Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs);

[...] É fundamental, entretanto, que alguns cuidados sejam tomados. Em primeiro lugar, deve-se analisar o tipo de necessidade especial que esse aluno tem, pois existem diferentes tipos e graus de limitações, que requerem procedimentos específicos. Para que esses alunos possam frequentar as aulas de Educação Física é necessário que haja orientação médica e, em alguns casos, a supervisão de um especialista em fisioterapia, um neurologista psicomotricista ou psicólogo, pois as restrições de movimentos, posturas e esforço podem implicar riscos graves (p.31).

O autor Rodrigues (2003) fala sobre a educação física e educação inclusiva no processo de reflexão metodológica e conceitos entre as diferenças das escolas especiais e escola regular.

[...] Os valores das 'escolas especiais' estão embebidos dos valores da escola tradicional. São duas faces de uma mesma moeda. A escola tradicional constitui-se, como dissemos, com o fim de homogeneizar o capital cultural de todos os alunos para, desta forma, cumprir o seu desiderato de igualdade de oportunidades. Porém, não era previsto que alunos com qualquer necessidade especial de educação, originada, por exemplo, de uma deficiência, fossem integrados nela, porquanto a escola procurava a homogeneidade não só nos conteúdos, mas também nos alunos.

É neste contexto que surgem as escolas especiais, organizadas majoritariamente por categorias de deficiência, com a convicção de que, agrupando os alunos da mesma categoria e das mesmas características, se poderia aspirar a desenvolver um ensino homogêneo, segundo o modelo da escola tradicional. Por isso, a concepção da escola tradicional e homogênea remete para a criação das escolas especiais: elas são como dissemos, dois aspectos do mesmo tipo de valores (p. 68).

Nesta dialogicidade do autor faz comparações do ensino regular junto à inserção da educação inclusiva no mesmo ambiente de ensino, por meras coincidências o ambiente educativo regular propicia das articulações entre a escola e Educação Física. Na qual o autor refere-se à Educação Física de aparências e constatações.

Neste processo de análise do autor, cita que:

[...] Existem várias razões pelas quais a EF tem possibilidades de ser um adjuvante para a construção da educação inclusiva. A educação física de constatações é sobre a efectiva contribuição da EF para a inclusão de alunos com dificuldades, no entanto, quando analisadas com mais detalhe, são mais problemáticas. Também por várias razões. **Atitudes, formação dos professores de EF em Necessidades Educativas Especiais, o apoio 'de terreno', encontramos na EF uma dupla genealogia de razões que podem conduzir à exclusão** (RODRIGUES, 2003, p. 69-70-71).

Para Aguiar e Duarte (2005), cita que;

[...] Para (SILVA, 1993) Culturalmente, a formação pedagógica do professor de Educação Física vem sendo colocada em plano secundário, prevalecendo os conteúdos das disciplinas de cunho técnico- desportivo, corporal e biológico, em detrimento das disciplinas pedagógicas. (p. 225).

Decorrente a discussão de referenciais a base em que a Educação Física se integra são processos de formação e ações realizadas durante as aulas pelos professores atuantes.

O objeto de pesquisa dentro dos artigos selecionados busca analisar a formação do professor de educação física atuante no primeiro ano do ensino fundamental. Em virtude de se tratar de leis políticas de inclusão e leis que garante o aprendizado e inserção do aluno especial na rede de ensino regular os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destaca um ponto importante quanto a participação de alunos especiais nas aulas de Educação Física.

[...] é em relação a situações de vergonha e exposição nas aulas de Educação Física. A maioria das pessoas portadoras de deficiências tem traços fisionômicos, alterações morfológicas ou problemas de coordenação que as destacam das demais. A atitude dos alunos diante dessas diferenças é algo que se construirá na convivência e dependerá muito da atitude que o professor adotar. É possível integrar essa criança ao grupo, respeitando suas limitações, e, ao mesmo tempo, dar oportunidade para que desenvolva suas potencialidades (p.31).

Segundo Aguiar e Duarte (2005),

[...] A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, ao reconhecer a Educação Especial como modalidade de ensino que permeia todos os níveis escolares, deixa claro que não há, nos sistemas de ensino, tipos separados de educação. Sendo assim, a Educação Especial não é um subsistema e as unidades escolares devem ter um conjunto de recursos que devem ser organizados e disponibilizados para que todos os alunos possam desenvolver suas competências com respeito e dignidade, entre eles os que necessitam de apoios diferenciados. A escola precisa estar aberta para atender a todos e o governo deve oferecer reais condições para a implantação da escola inclusiva no país, fornecendo verbas, criando cursos de reciclagem para os docentes e atendendo as demais necessidades estruturais necessárias para tal ocorrência, como por exemplo, proporcionando apoio educacional especializado adequado para todos os alunos (p.237).

A relação entre as leis De diretrizes e bases da educação nacional (LDB)/9394/96 o delineamento pedagógico do professor de educação física na educação inclusiva implica em vários processos de formação do professor. Embora a gestão escolar assim como as políticas educacionais devam estabelecer metodologias para destacar o processo de inclusão nas aulas de Educação Física, necessita de vários ajustes e orientações pertinentes ao tema e apoio legal para o professor.

Cabe ressaltar que os diálogos entre os autores evidencia que o processo de formação do professor de Educação Física na Educação Inclusiva requer muitos estudos dentro da área e principalmente a formação continuada do professor. Pois, dentro destes referenciais os autores relacionaram falas e afirmações pertinentes ao tema sobre inclusão e formação do professor de Educação Física.

1.5 Educação Física e Inclusão Escolar: Em Busca da Superação dos Limites da Adaptação.

Apolônio Abadio do Carmo fala na Revista Conexões (v.6, 2001) sobre a história percorrida da Educação Física ao longo das ultimas duas décadas no Brasil, sobre o atendimento ao ensino e a pesquisa voltada para as pessoas portadoras de deficiência.

O autor relata que a Educação Física nas duas ultima décadas “A Fundação da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada” fortaleceu linhas de pesquisas de Educação e Educação Física tentativa de minimizar as ações de atuação dos profissionais da área profundas mudanças de políticas de inclusão escolar, dentro das diretrizes que aconteceu na Tailândia (1999) e os documentos a partir da carta de declaração de Salamanca (1994) com o intuito de buscar solução para a crise na área educacional.

Carmo (2001) aponta essa nova tendência “inclusivista” no cenário político educacional brasileiro, que os dirigentes educacionais estão confusos para encarar no ensino regular alunos portadores de deficiência.

[...] Atualmente, diante da tendência inclusivista a escola esta “nua” e não tem como camuflar suas limitações e lacunas. O impacto da inclusão escolar é tão forte que existe até quem diga, como forma de apelo ao absurdo ou tentativa de relativizar o problema, que “todos somos “deficientes” e diferentes (p.71).

É considerável dizer que na fala do autor as dificuldades em que os profissionais educacionais da área têm para trabalhar com alunos deficientes, está na forma de lidar com as habilidades, capacidades e comportamento do deficiente, onde não estão conseguindo alcançar objetivos concretos da inserção do deficiente no ensino regular.

Com as ideias do autor, todos somos diferentes e desiguais e não deficientes.

Essencialmente, o autor relata que o ser humano é de sua natureza biológica diferente, mas que também vive em diferentes contextos sociais onde o conhecimento e atributos sociais tornam-se de alguma forma desigual, ou seja; o sujeito se adéqua as suas necessidades, estabelecendo em um grupo social de sua classe.

O que se aplica á estes atributos sociais afirma o autor que pessoa portadora de deficiência, portadora de necessidades educativas especiais, homossexual, entre outros gêneros racial e social, não são atitudes em que a política de inclusão deva se atentar, mas sim superar as dificuldades apresentadas para possibilitar apoio pedagógico e metodológico para atender a diversidade humana.

A cerca dos impactos da inclusão Apolônio estabelece questões apresentadas pelos professores de Educação Física, no sentido de dar

continuidade no trabalho pedagógico e metodológico sobre a diversidade humana no mesmo ambiente educativo relacionado à escola regular.

Carmo (2001) destaca que a Educação Física vem sendo trabalhada constantemente com deficientes em vários contextos tanto escolar, quanto de lazer, na tentativa de expandir a diversidade humana ajustando mecanismos sociais e políticos.

Carmo (2001) aponta que; Tal concepção tem profundas implicações sócio-político-econômicas, principalmente quando a adaptação é situada como sinônimo de equalização, ou como forma de concretizar a tão buscada equidade de oportunidades.

Para o autor no caso da Educação Física, o processo de adaptação prevalece uma significativa análise, na qual a defesa de conhecimentos sócio-político-econômico busca o princípio de igualdade no contexto social.

De acordo com Carmo (2001),

[...] Muitos profissionais da Educação Física acreditam que ao adaptarem os conhecimentos existentes aos deficientes estão realizando um grande feito, ou sendo extremamente criativos. No nosso modo de entender, todo esse sucesso e criatividade, existe, porém, está servindo muito mais para manter o princípio da igualdade universal entre os homens e as mazelas daí decorrentes, do que para explicitar o princípio da diferença e da desigualdade, na tentativa de superação deste quadro social (p.74).

Nesta fala acredita-se que a Educação Física e seus princípios de conhecimento na prática pedagógica a Educação Física Adaptada tem uma perspectiva social de modificar o contexto escolar menos excludente.

O autor relata muito sobre o processo inclusivista, na qual faz uma referência sobre a carta de declaração de Salamanca em relação à Educação Especial no sentido de atenuar a relação de inclusão e atividade física adaptada.

Pelo que declara a carta de Salamanca;

[...] As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiência requerem atenção especial. É preciso tomar as medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo. (Revista Integração, 1994, p.01).

Carmo (2001), fala no artigo uma coisa bem interessante sobre a inclusão e aulas de Educação Física Adaptada e a preocupação de sobre o descaso para com as aulas de Educação Física e os profissionais da área.

De fato podemos analisar que o contexto educacional a Educação Física Adaptada ainda precisa estar entre uma das áreas de pesquisa científica, para possibilitar uma reflexão quanto aos conteúdos de trabalho do professor para condicionar e oportunizar o aluno deficiente as práticas educacionais.

O autor diz no começo do artigo que a Educação Física está clara em sua visão de totalidade em direcionar a adaptação, mas também diz que a Educação Física ainda não esta preparada para oportunizar a diversidade em novos conhecimentos da pratica docente, pois muitos profissionais não levam uma reflexão dentre os conteúdos visando proporcionar através de jogos, brincadeiras e atividades físicas com a intenção de adaptá-las dentro do processo didático pedagógico no contexto educacional.

O autor Carmo (2001) atribui dois aspectos que minimiza a discriminação e preconceitos que os deficientes encontram no contexto em que está inserido.

Para o autor Carmo (2001), os dois aspectos são;

[...] No plano coletivo, precisamos levar em consideração que tanto o sucesso quanto a discriminação são construções mediatas, históricas e objetivadas, e os mesmos mecanismos sociais que edificam um ídolo, também, o destroem. No plano individual a prática desportiva é tão importante para os deficientes quanto para quaisquer outras pessoas (p.80).

Por esta afirmação a inclusão escolar enquanto área da Educação Física deve ser adaptada, levando em conta também a adaptação da escola e formação profissional, não apenas adaptar o ambiente arquitetônico, mas refletir sobre as relações sociais podendo elevar o acesso aos conteúdos educacionais.

Nas relações sociais Carmo (2001) diz que;

[...] Precisamos levar em conta que existem diferentes tipos de conhecimentos e distintas capacidades para apreendê-los. A decisão do que ensinar e a quem ensinar é política e exige de quem a toma, sensatez e compromisso para com esta decisão, pois todas as vezes que selecionamos conhecimento selecionamos, também, ignorância. (p.81).

O autor relata em seu artigo o processo histórico da Educação Física e seus argumentos para a Educação Física de Inclusão, com a perspectiva de

levar para os profissionais e pesquisadores reflexões sobre a temática de Inclusão o acesso à escola regular, pelo fato da Educação Física lutar pelos objetivos de formação do sujeito possibilitando a acesso a informações e aprendizagens.

CAPITULO 2 - A Pesquisa de Campo

No capítulo 2 busca-se um método que será utilizado para colher dados do trabalho monográfico.

O método de utilização de uma pesquisa de campo deve conter os sujeitos, materiais, local e conhecimento explícito do tema que será investigado.

O processo da pesquisa de campo foi através de um estudo de caso, que envolveu entrevistas com profissionais do campo de Educação e Educação Física atuante na rede de ensino.

2.1 Estratégia Metodológica

Trata-se de um Estudo de Caso, onde a abordagem estará relacionada no contexto escolar do primeiro ciclo do ensino fundamental nas escolas municipais da cidade de Barretos-SP.

A pretensão deste estudo resulta analisar o processo de formação iniciada e continuada do professor de Educação Física sobre a temática da inclusão da criança com deficiência.

O ponto inicial deste trabalho será realizado a partir de observações (Trabalho de Campo) nas aulas de Educação Física com a participação do aluno com algum tipo de deficiência e suas possibilidades de inserção nos conteúdos aplicados pelo professor.

A partir deste ponto pretendo elaborar uma entrevista com o coordenador pedagógico da educação municipal de Barretos-SP e após realizar questionário que será aplicado para 2 professores de Educação Física da rede Municipal de Educação de Barretos-SP.

Na primeira fase do trabalho as observações feitas durante as aulas de Educação Física serão para servir de base fundamental na elaboração do questionário que será aplicado aos professores.

O sistema metodológico Estudo de Caso tem a possibilidade de investigar e mapear os aspectos de relação prática e pedagógica do professor de Educação Física nos conteúdos referente ao tema de problematização.

Segundo Adelman et. al., (1976) apud André (1984) o estudo de caso é uma forma de investigação que inclui “uma família de métodos de pesquisa cuja decisão comum é o enfoque numa instância”.

A compreensão do Estudo de caso define a maneira em que o pesquisador a partir do seu ponto de vista, colher informações completas da realidade do seu objeto de pesquisa.

As características fundamentais do Estudo de Caso é a valorização do conhecimento do pesquisador através da coleta de dados onde o mesmo constrói dentro das informações dos informantes variedades de dados explícito.

O Estudo de Caso irá retratar a realidade do problema de pesquisa de forma descritiva, na qual resultará um estudo válido e fidedigno através dos métodos de pesquisa (entrevista e questionário).

Estudo de Caso tem ênfase na singularidade e particularidade do pesquisador, sendo o objeto de estudo examinado como único devendo retratar a situação multidimensional e historicamente situada.

Nesta pesquisa de Estudo de Caso, o pesquisador traz informações significantes sobre a situação problema, buscando explicitar de forma clara e objetiva a realidade do estudo em questão.

2.2 Os sujeitos e o Campo de Pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa foram professores de Educação Física atuante na área de licenciatura, na qual serão entrevistados dois professores da rede de Ensino Municipal de Barretos-SP.

Primeiramente será realizada uma relação (lista) das escolas municipais que tem aulas de educação física que tenha alunos com algum tipo de cuidados especiais.

O campo de pesquisa foi realizado na secretaria municipal de Educação da cidade de Barretos-SP com a gestora da Educação Inclusiva, formada em pedagogia e atualmente é coordenadora da Educação Inclusiva na rede municipal de Ensino na Secretaria Municipal de Educação há treze anos no cargo.

O professor A tem sua formação em Licenciatura em Educação Física formado há seis anos e atua há quatro anos na rede municipal de Ensino na

Escola Municipal Matilde Gitay de Melo como professor de Educação Física do Ensino Fundamental ciclo I e II.

O professor B é formado em Licenciatura em Educação Física há oito anos exercendo a função de professor de Educação Física do Ensino Fundamental ciclo I e II na escola municipal Dorival Leite estando no cargo há sete anos após sua formação.

2.3 O Instrumento de Pesquisa

O instrumento da pesquisa de campo busca relacionar um conteúdo de questões abertas que possibilitara o entrevistado a seguir a partir de sua voz diferente tipos de questões contribuindo o Maximo na coleta de dados.

Gil (2010) conceitua em seu artigo Métodos e técnicas de pesquisa social. A definição do questionário de pesquisa como técnica de investigação com questões formuladas basicamente nos objetivos construídos no planejamento da pesquisa.

Segundo Triviños (1928) o método de pesquisa para coleta de dados qualitativos é a entrevista Semi-estruturada, na qual permitem em um aspecto geral, principais meio para valorizar a presença do investigador e oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação do entrevistador.

A flexibilidade da entrevista Semi-estruturada permite que o entrevistador se aprofunde durante as respostas do entrevistado, buscando fragmentar livremente o seu processo de participação na fala do entrevistado, sendo possível identificar novos subsídios sobre o tema na qual estará sendo investigado.

Foi realizada a entrevista com o Gestor/Coordenador Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e sendo também entrevistados dois professores de Educação Física do Ensino Fundamental do ciclo I da cidade de Barretos-SP, sendo um professor do sexo masculino e uma professora do sexo feminino.

Este questionário foi aplicado para dois professores de Educação Física onde o foco foi analisar na formação inicial do professor o que contribuiu para trabalhar com a criança com deficiência, compreender as dificuldades que o

professor de Educação Física tem para desenvolver seu planejamento que inclua a criança com deficiência física, terá como perguntas caracterizadas de sua formação tais como:

Tempo de formação, tempo de atuação profissional, qual apoio da secretaria nessas questões, a rede de ensino oferece suporte (materiais e formação), instituição de formação inicial, como o professor faz sua formação continuada (especialização, cursos aperfeiçoamento) como a inclusão do deficiente físico apareceu na sua formação, questões relacionadas à inclusão do deficiente e sua atuação profissional: Tem alunos com deficiência, quais as deficiências, o que faz para incluir, as dificuldades, facilidades.

Analisar na formação inicial do professor o que contribuiu para trabalhar com a criança com deficiência.

A metodologia de aplicação do questionário foi complementada com foco em uma entrevista com o coordenador pedagógico de ensino da educação municipal de Barretos-sp, onde será uma busca de informações a cerca do suporte que o sistema de ensino municipal oferece tanto para professores quanto para alunos de inclusão e com cuidados especiais.

Nesta proposta a entrevista foi realizada com 1coordenador pedagógico, para investigar na formação continuada as ações que tem dado suporte para o trabalho da criança com deficiência realizando a investigação acerca das questões relacionadas, mapear as ações do governo municipal para o suporte do trabalho do professor em relação à criança com deficiência, quais as ações que a secretaria tem oferecido quanto a: formação continuada, apoio de materiais, periodicidades, quais os programas de governo e parceria das esferas (estadual e federal).

2.4 Apresentação dos dados

2.4.1 Entrevista com o gestor:

O gestor entrevistado tem formação em Pedagogia, é concursada na Coordenadora do Programa educação inclusiva: direito á diversidade Ministério da Educação (MEC). Que abrange 24 municípios tem 44 anos no exercício da profissão professora. Em 1997 assume a Secretária de Educação do Município

e em 1999 assume a coordenação da educação inclusiva na qual é gestora até o presente momento.

Pela história da Educação Especial no Brasil, a formação pedagógica de uma década atrás não contemplava essa temática, nesse sentido a gestora atribuiu a sua proximidade com a temática ao amor ao próximo como ponto de partida para investimento de estudos nessa área.

Os Cursos oferecidos pela coordenação do programa de educação inclusiva: Libras Braile e Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Em 1999, a política estabelecida era a existência de uma classe de integração em apenas uma escola, que tinha um professor de Braile e um de Libras para dar suporte em outras questões. Atualmente há uma expansão dessas classes de integração além das salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A parceira com outras instituições foi citada apenas pela Associação de Pais e Amigos Excepcionais (APAE). A criança é matriculada na rede de ensino regular, mas continua recebendo atendimento especializado na Associação de Pais e Amigos Excepcionais (APAE).

Para a gestora a inclusão na Educação Física é apenas do ponto de vista do esporte de alto rendimento, citando a paraolimpíadas. Segundo, a sua opinião a inclusão não acontece por descompromisso dos professores de Educação Física, pois a secretária oferece apoio pedagógico, estruturou a acessibilidade, materiais didáticos, mas os professores de Educação Física não contempla o aluno com deficiência em sua sala de aula.

2.4.2 Entrevista com o (a) Professor (a) A:

A professora entrevistada tem formação em Licenciatura em Educação Física trabalha na Escola Municipal Matilde Gitay de Melo pelo processo seletivo que a secretaria municipal de Educação de Barretos-SP realiza a todo ano.

No decorrer de sua formação acadêmica pouco se abordou sobre a temática de inclusão, em momentos de necessidades para focar-se na temática de inclusão a professora A buscou especialização em Educação Inclusiva.

A partir de sua especialização a professora A busca trabalhar em suas aulas de Educação Física conteúdos que contempla o aluno especial citando também que; a escola tem de estar preparada para receber qualquer aluno com algum tipo de deficiência, e que o desafio é buscar conteúdos que dá o acesso à aprendizagem do aluno.

Em sua sala de aula tem dois alunos com deficiência física e um aluno com deficiência intelectual.

Segundo a professora A o suporte que a secretaria municipal de Educação oferece não é o suficiente para capacitar o professor de Educação Física, muito se fala, mas nada é feito, portanto; necessita de um ajuste melhor que de condições de apoio pedagógico para o professor de Educação Física.

Acredita-se que a formação continuada do professor de Educação Física deve ser contemplada para atender a diversidade do contexto escolar.

2.4.3 Entrevista com o (a) Professor (a) B:

O professor entrevistado tem formação em Licenciatura em Educação Física trabalha na Escola Municipal Dorival Leite concursado, possui pós-graduação em educação inclusiva pela Universidade de Franca (UNIFRAN).

Em sua formação acadêmica os conteúdos sobre a temática de Inclusão não foram o suficiente para adquirir uma experiência com qualidade.

Segundo o professor B a temática de inclusão deveria ser trabalhada mais nas universidades, por vez que todo ser humano tem algum tipo de deficiência.

Em sua atuação profissional trabalha com conteúdos adaptados mesmo que não tenha alunos deficientes, pois em uma sala tem um aluno deficiente físico, a sua justificativa é preparar os alunos digamos normais para encarar a vida sem preconceitos e superação de limites de suas dificuldades humanas.

Justifica-se também que o auxílio recebido pela secretaria municipal de Educação não é o suficiente para capacitar o professor de Educação.

Relata que necessitam de mais palestras, oficinas pedagógicas, acompanhamento de profissionais especializados nas escolas.

Quanto ao atendimento especializado na qual o professor B referencia a Associação de Pais e Amigos Excepcionais (APAE) concorda em partes, mas

que na escola também deveria ter este tipo de acesso que são os profissionais especializados, como; fonoaudiólogos, psicólogos e assistentes sociais.

O professor B fala também sobre a formação continuada do professor de Educação Física buscando dar ênfase nos desafios que muitos professores vem enfrentando nas aulas de Educação Física.

CAPITULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo busca uma reflexão norteadora do trabalho de pesquisa de campo, na qual mostrara uma discussão e análises obtidas no trabalho de campo e do referencial teórico.

Com base nos dados da pesquisa e referencial teórico, busca-se relacionar junto à fala dos sujeitos entrevistados um dialogo critico das relações propostas na investigação.

No contexto de formação profissional busca uma reflexão sobre os conteúdos abordados durante a formação acadêmica dos sujeitos relacionando a prática pedagógica e sua atuação profissional no âmbito escolar.

3.1 Formação

Na busca dos dados obtidos na pesquisa de campo com professores de Educação Física e com a gestora da Secretaria Municipal de Educação Inclusiva da cidade de Barretos-SP o percurso do trabalho iniciou-se com entrevista na qual se fundamenta na formação dos profissionais entrevistados.

Com base na fala dos sujeitos entrevistados, percebe-se que o enfoque sobre a formação, é bem estendido, colocando de forma sucinta o conhecimento sobre o tema de pesquisa.

Na fala da gestora municipal de Educação Inclusiva, afirma que a formação acadêmica a cerca de sua profissão foi um processo praticamente restrito as informações, na qual busca em uma breve fala destacar que os conteúdos aplicados relacionado à Educação Inclusiva foi de pouco acesso, buscando parte destes estudos á partir de uma historia real na qual presenciou.

Para a entrevistada gestora da Educação Inclusiva a formação que teve ao longo de sua carreira foi buscando conhecimentos durante a sua atuação profissional, na qual teve possibilidades de trazer para o setor Educacional de Barretos-SP uma parte que tratasse dos assuntos referentes à Educação Inclusiva.

Onde traz informações importantes a cerca do processo de inserção no desenvolvimento das ações educacionais da cidade junto às escolas

especializadas e escolas regulares.

Paulon et al (2005) relata que “A formação do professor deve ser um processo contínuo, que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio”.

Buscando na fala do autor Paulon et al (2005), o processo de formação contínuo do profissional buscou um alicerce já construído ao longo do processo, mas na fala da gestora houve-se um desapontamento ao longo de sua trajetória como professora que tinha um aluno especial e que as escolas da rede municipal não havia profissional capacitado para atender as necessidades daquele aluno, contudo; todo esforço da profissional em 1997 o prefeito da cidade a convidou para assumir a secretaria de Educação Inclusiva.

Ao longo de sua trajetória como representante gestora da Educação Inclusiva aconteceu os programas de formação aos educadores e professores com cursos de Braille e Libras.

Segundo Jerusalinsky e Páez (2001, p.35): “São poucas as experiências onde se desenvolvem os recursos docentes e técnicos e o apoio específico necessário para adequar as instituições escolares e os procedimentos pedagógico-didáticos às novas condições de inclusão”.

Busca nesta fala que o processo de transformação para a Educação Inclusiva da cidade de Barretos-SP resultou no desenvolvimento em que a gestora buscou para abrir uma discussão a cerca da Inclusão.

Na qual foi em busca de argumentos para dar segmento no trabalho com a escola regular. Destaca que através desta persistência teve uma capacitação de formação com grandes autores que defende a inclusão do aluno especial na escola regular.

Para Goffredo (1992) e Manzini (1999); têm alertado para o fato de que a implantação da educação inclusiva tem encontrado limites e dificuldades, em virtude da falta de formação dos professores das classes regulares para atender às necessidades educativas especiais, além de infra-estrutura adequada e condições materiais para o trabalho pedagógico junto a crianças com deficiência. O que se tem colocado em discussão, principalmente, é a ausência de formação especializada dos educadores para trabalhar com essa clientela, e isso certamente se constitui em um sério problema na implantação de políticas desse tipo.

Baseando-se na fala da gestora um trecho da Carta de Salamanca em um artigo da autora Sant'Ana, Izabella Mendes (2005) estabelece um dialogo que transmite que “a inclusão escolar de crianças com necessidades especiais no ensino regular tem sido tema de pesquisas e de eventos científicos, abordando-se desde os pressupostos teóricos político filosóficos até formas de implementação das diretrizes estabelecidas na referida declaração”.

E dentro desta formação a gestora buscou fontes metodológicas que viabilizou o processo de formação de educadores e professores da rede municipal de Educação como; cursos de universidades apontando a Universidade Federal de Uberlândia e palestras com profissionais como; a Prof^a Rosangela Machado do Ministério da Educação e Cultura (MEC) Dr^a Eugenia Gonzaga promotora da União e Dr^a Rebeca Nunes promotora do Rio Grande do Norte.

Para a Educação Física e formação do profissional da área escolar a gestora diz que; já ministrou um bloco que abordou a temática de inclusão no âmbito da Educação Física em um curso de pós-graduação.

E nesta abordagem o foco foi a inclusão de alunos deficientes não somente de algum distúrbio mental, mas sim tratou de abordar todas as deficiências tanto físicas como distúrbios de aprendizagem.

Na fala da professora A em sua formação acadêmica se falou sobre o suporte que tematizava a inclusão com poucos conteúdos, mas que na perspectiva de buscar novos conhecimentos fora da vida acadêmica buscou continuar com a proposta de inclusão realizando um curso específico para sua atuação na escola.

Com base nesta proposta em que a professora A relata pode analisar o seguinte argumento; que a formação do professor de Educação Física em Licenciatura não esta prevista como um tema a ser tratado lucidamente, mas que o professor deve buscar uma especialização já que o ambiente escolar estará inserido o aluno especial.

De acordo com, Aguiar e Duarte (2005) referencia que; para Cardoso (2003) a inclusão de alunos com necessidades especiais na escola regular, constitui uma perspectiva e um desafio para o século XXI, cada vez mais firme, nos diferentes sistemas e níveis educativos.

Na fala da professora A pautamos o que se analisa nos PCNs que “Por desconhecimento, receio ou mesmo preconceito, a maioria dos portadores de deficiências físicas foram (e são) excluídos das aulas de Educação Física”. A participação nessa aula pode trazer muitos benefícios a essas crianças, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades afetivas, de integração e inserção social.

Ao encontro da fala da gestora a Educação Física como superação, a pessoa que já nasce com a deficiência necessita de atividades que faça o aluno a buscar estímulos tantos físicos, psicológicos e sociais, pois o professor de Educação Física deve proporcionar estímulos para que o aluno busque na arte do esporte, por exemplo, a superação de extensão não para vencer, mas com que faça o aluno a ser valorizado, contribuindo na compreensão através do esporte.

O professor B relata que em sua formação estudou alguns artigos que falava sobre a inclusão, mas que não foi o suficiente para ter a compreensão de como trabalhar tais deficiências nas aulas de Educação Física.

Para tanto, o professor B aponta que o fato de abordagem sobre Inclusão não se deve somente ser trabalhado em Universidades, mas sim ter um leque aberto para a sociedade.

De fato a concordância é um efeito real, se somente nas universidades de cursos de Licenciaturas trabalharem o tema de Inclusão, a sociedade fica restrita a este tema, sendo guardados alguns problemas que a sociedade mesmo enfrenta por não ter um conhecimento amplo.

Buscando uma relação na fala do professor B Mendes (2006); Destaca que o futuro da educação inclusiva no Brasil dependerá de um esforço coletivo, que obrigará a uma revisão na postura de políticos, educadores, pesquisadores, familiares e indivíduos com necessidades educacionais especiais, para trabalhar rumo a um bem comum, que seria garantir uma educação de qualidade para todos.

Em sua formação o professor B relata que tem um curso de pós-graduação em Educação Inclusiva, sempre atualizado aos termos que fala sobre a Educação Inclusiva utilizando-se de artigos referenciais.

No contexto de Educação Inclusiva o professor B faz uma relação basicamente na fala do autor Mendes (2006) quanto a postura coletiva que o

âmbito escolar e ate mesmo universidades que contempla o curso de licenciatura, buscar dentro da realidade social uma proposta de Inclusão acessível para toda a sociedade.

3.2 Prática Pedagógica

Na abordagem sobre a prática pedagógica dos sujeitos entrevistados, a discussão se baseia na área de atuação profissional, na qual estabelece um dialogo pratico de ações pedagógicas que o contexto escolar busca referente a atuação e formação do professor de Educação Física.

Com base neste dialogo a gestora da Educação Inclusiva da cidade de Barretos-SP propõe a formação continuada do professor, mesmo porque a secretaria oferece subsídios de formação e capacitação.

Ao se falar de práticas pedagógicas busca-se na fala da gestora que desde 1999 a secretaria municipal de educação tem oferecido aos educando e profissionais da área cursos de Licenciatura em Pedagogia e cursos de Libras e Braille.

Neste processo educacional surge a instituição Associação dos Pais e Amigos Excepcionais (APAE) que desenvolve um trabalho especializado com profissionais fonoaudiólogos, fisioterapeuta, psicólogos e assistentes sociais, na qual trabalha com casos mais graves de alunos especiais.

Com esta proposta a gestora relata que o numero aceito por estas propostas são mínimos, que muitos professores começam e não terminam o curso.

Mesmo com estas propostas a secretaria não desabona o aperfeiçoamento do profissional, mas é minoria que se interessam em buscar um auxilio pedagógico.

No contexto bibliográfico a autor RODRIGUES, David (2003) fala sobre a educação física e educação inclusiva no processo de reflexão metodológica e conceitos entre as diferenças das escolas especiais e escola regular.

Neste processo educacional surge a instituição Associação dos Pais e Amigos Excepcionais (APAE) que desenvolve um trabalho especializado com profissionais fonoaudiólogos, fisioterapeuta, psicólogos e assistentes sociais, na qual trabalha com casos mais graves de alunos especiais.

Sistematizando a fala da gestora junto a análise do autor RODRIGUES, David (2003) abre uma discussão a cerca do posicionamento do professor de Educação Física ao longo processo de atuação profissional.

Buscamos analisar a seguinte proposta pelo autor junto a fala da gestora da Educação Inclusiva da cidade de Barretos-SP.

O autor diz que; Existem várias razões pelas quais a Educação Física tem possibilidades de ser um adjuvante para a construção da educação inclusiva. A educação física de constatações é sobre a efectiva contribuição da EF para a inclusão de alunos com dificuldades, no entanto, quando analisadas com mais detalhe, são mais problemáticas. Também por várias razões. Atitudes, formação dos professores de Educação Física em Necessidades Educativas Especiais, o apoio 'de terreno', encontramos na Educação Física uma dupla genealogia de razões que podem conduzir à exclusão.

Analisando a fala da gestora com a fala do autor Rodrigues (2003) buscou refletir no processo pedagógico do professor de Educação Física a falta de conhecimento e vontade de superar os desafios enfrentados em suas aulas.

Para a gestora o intuito da secretaria é dar suporte pedagógico ao profissional, tanto para educadores, coordenadores e diretores das escolas municipais, fornecendo apoio pedagógico e ferramentas que auxilie o profissional em sua didática educacional.

A professora A aborda o conceito inclusivo como uma pratica pedagógica que exige um conhecimento específico, pois relata que o processo educacional necessita estar preparado para atender a diversidade. Mas não concorda com o tipo de ações que a secretaria de Educação Inclusiva oferece para os professores.

Buscando relacionar a fala da professora A o autor Carmo (2001) relata em um trecho da Carta de Salamanca (1994) "As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiência requerem atenção especial. É preciso tomar as medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo".

A professora A coloca que a teoria e a prática são aliadas e isso faz com que esta formação esteja mais preparada para receber estes alunos.

Nas aulas da professora A a metodologia utilizada é o desenvolvimento integral, ou seja; a cooperação e estímulo para que o aluno busque nas aulas a superação, buscando sempre conversar sobre os fatores de acolhimento da turma em geral.

O professor B contempla em suas aulas, aulas adaptadas que favorece tanto o aluno digamos “normal” tanto o aluno deficiente. Pois se o professor não fizer esta intervenção, a aula não tem como ser justificada e avaliada. Então eu acredito que o professor deve contemplar em seus planos de aulas mesmo que não tenha alunos deficientes aulas adaptadas, pois quem garante que um aluno normal não possui algum tipo de deficiência que não detectamos.

No momento da entrevista, ocorreu os processos políticos eleitorais, na qual fez uma análise reflexiva na fala do professor B, onde destacou que; particularmente não há suporte técnico pedagógico que faça com que o ensino tenha uma boa mediação entre o saber e a prática do professor.

Para a Educação Física não há suporte, quando temos algum problema mais sério, procuramos a coordenadora da escola e ali tomamos algumas providencias encaminhando os casos para a secretaria e a partir daí não sabemos mais o que será feito.

Então eu acho que, ainda falta muito para que a Educação de Barretos tenha um avanço nas aulas de Educação Física, basta que o professor trabalhe, busque formação fora da cidade, cursos preparatórios entre outros, mas sem esperar algum suporte pela secretaria de Educação.

Aproveitando a fala do professor B a autora Sant’Ana (2005) destaca: Embora Reis (2000) aponte que muitas vezes a prática do diretor, nas escolas brasileiras, é dificultada pelas exigências das atividades burocráticas e administrativas, esse profissional precisa ser atuante, promovendo ações que envolvam o acompanhamento, discussões e avaliações em conjunto com os participantes do projeto educacional, a fim de exercitar as dimensões educacional, social e política, inerentes a sua função.

Buscando na fala da gestora e colocando a fala do professor A e B sobre o suporte Técnico Pedagógico, algo se limita dentro do processo educacional.

Pois fazendo lúcida o que a autora Sant’Ana (2005) aponta na fala do autor Reis (2000) a escola é o caminho para estas superações que é capacitar o professor de Educação Física para ser atuante na Educação Inclusiva.

Já a gestora relata que a secretaria oferece suporte técnico pedagógico como cursos, mas não deixa claro que tais capacitações pedagógicas devem ser ocorridas dentro do contexto escolar.

Busca-se na fala da professora A que ainda há muito que se fazer, a gente não tem capacitação, reuniões, para estar debatendo estas temáticas relacionadas à rotina e desafio que a gente enfrenta. Mas eu acredito que realmente o suporte técnico é essencial para a temática de inclusão.

O professor B busca uma reflexão sobre a importância das aulas de Educação Física para alunos deficientes onde relata que; Sem duvidas a Educação Física é o momento que acredito mais importante no processo de desenvolvimento do aluno, não que as outras disciplinas não possam contribuir, mas a Educação Física ela é especial, trata de vários assuntos reflexivos sobre o corpo, saúde, cultura e desenvolve um trabalho integral com o aluno, não adianta apenas pegar o aluno deficiente e jogá-lo na quadra e esperar que ele faça algo, necessita do professor inserir este aluno junto aos demais alunos. Só de o aluno participar de uma roda de conversa, por exemplo; ele já sente acolhido pelo grupo, e isso é muito bom.

De fato são pensamentos que determina uma relação de um mesmo contexto, mas que basicamente se exprime por determinados processos políticos e ações que o sistema educacional se coloca para o tratamento de tais temas, cujo; tratamos nesta pesquisa que é a Educação Inclusiva e Educação Física.

Os dados coletados durante a pesquisa procurou determinar os fatores de inclusão e uma relação com diversos autores cujo tema se trata da mesma especialidade.

No contexto histórico e político da Educação Inclusiva a Carta de Salamanca 1994 traz uma interessante e desafiadora concepção de Educação Especial ao utilizar o termo “pessoa com necessidades educacionais especiais” estendendo-o a todas as crianças ou jovens que têm necessidades decorrentes de suas características de aprendizagem.

O autor Carmo (2001) faz uma interessante apontamento “Precisamos levar em conta que existem diferentes tipos de conhecimentos e distintas capacidades para apreendê-los. A decisão do que ensinar e a quem ensinar é política e exige de quem a toma, sensatez e compromisso para com esta

decisão, pois todas as vezes que selecionamos conhecimento selecionamos, também, ignorância”.

São fatores que busca uma reflexão profunda sobre as ações políticas e ações que o contexto escolar junto às aulas de Educação Física devem buscar dentro da proposta pedagógica subsídios para contemplar a Educação Inclusiva, capacitando toda a escola, realizando reuniões pedagógicas, conceituar dinamismo coletivo entre professores, para o conhecimento legal das dificuldades em que o aluno especial apresenta e tornar possível uma educação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados apontaram importantes contribuições para o desenvolvimento da pesquisa com base nos objetivos e metas para alcançar uma investigação do trabalho realizado nas escolas municipais durante as aulas de Educação Física e Inclusão de pessoas deficientes.

O presente trabalho analisou a formação inicial e continuada do professor de Educação Física e a temática da Inclusão da criança com deficiência, buscando investigar as ações realizadas pela secretaria municipal de Educação e Educação Inclusiva o suporte técnico pedagógico para o trabalho realizado nas aulas de Educação Física envolvendo a criança com deficiência.

Com base na análise de dados pode-se concluir que as ações realizadas pela secretaria municipal de Educação e Educação Inclusiva têm realizado um trabalho de formação continuada para o professor de Educação Física através de cursos de Libras e Braile.

Desta forma o mapeamento das ações do governo municipal tem trabalhado na Educação Inclusiva aspectos de relevância para a inclusão de crianças com deficiência, na perspectiva de dar suporte para o profissional de licenciatura buscar novos conhecimentos através de palestras e cursos para o planejamento das aulas de Educação Física.

Vale lembrar a importância do planejamento do professor de Educação Física para a inserção da criança deficiente estabelecendo uma participação mais efetiva, na busca de desenvolver um avanço na rede municipal de Educação.

No campo observado analisa-se que indiretamente os professores de Educação Física buscam subsídios para dar continuidade em sua formação, cursos de especialização na área do conhecimento humano, a didática pedagógica de inclusão do aluno deficiente, objetivando sobre os conteúdos aplicados séries de atividades que contempla tanto o aluno normal quanto aos alunos deficientes.

Outro ponto encontrado neste trabalho se refere ao comprometimento do professor de Educação Física com a sua formação acadêmica em busca de

qualificar as aulas de Educação Física em sua metodologia didático-pedagógica com propostas de adaptação respeitando os limites e capacidades do aluno com deficiência.

Outro avanço encontrado foi a forma de levar para a vida profissional do educando possibilidades de buscar dentro de sua formação acadêmica a teoria e prática através de cursos oferecidos pelo município e também em universidades e palestras com profissionais da área educacional, com uma visão mais ampla da temática de inclusão do contexto escolar.

Dessa forma, nota-se que muitos avanços têm sido contemplados ao percurso da Educação Inclusiva do município, na qual sua proposta busca manter a acessibilidade dos alunos deficientes no contexto educacional regular.

Sendo assim, pode-se identificar que o processo de inclusão está ocorrendo de forma satisfatória, porém exige do professor de Educação Física buscar novas estratégias como preparação e continuidade da vida docente atualizando-se sobre a temática de inclusão, na perspectiva de melhorar suas capacidades de atuação no âmbito escolar.

Concluimos que para um maior aprofundamento no assunto as ações realizadas pelos gestores, coordenadores e professores devem ser transmitidas cotidianamente preparando a escola para receber o aluno deficiente.

Vale destacar que o processo de inclusão não é apenas o aluno que tem de estar preparado para se inserir á escola, mas sim a escola que deve estar preparada para se inserir na vida do aluno, buscando adaptar-se desde a estrutura física ate a formação do aluno.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, João Serapião de; DUARTE, Édison. **Educação Inclusiva**: Um estudo na área da Educação Física. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 11, n. 2, p.223-240, mai./ago. 2005.

BARROSO, Odete de Lima Rosa. **O professor e os desafios enfrentados na prática de uma educação inclusiva**. 2011. [41] f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar)—Universidade de Brasília/Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2011.

CARMO, A. A. **Educação Física e Inclusão Escolar**: Em busca da superação dos limites da adaptação. (Universidade Federal de Uberlândia/UFU) Revista Conexões, v. 6, 2001.

CARVALHO, Ender Alberto de Sousa. **Estudantes com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física**: um contexto de inclusão ou de exclusão? 2011. 59 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Igualização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral.

GIL, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MEC. Inclusão Revista da Educação Especial. Ano 2, nº02 julho/2006
Parâmetros curriculares nacionais: Educação física /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. (p. 2-60)

RODRIGUES, David. **A Educação física perante a educação inclusiva**: Reflexões conceituais e metodológicas. R. da Educação Física/UEM, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 1. sem. 2003.

SOUZA, Elza Ribeiro da Silva. **Relação entre a prática pedagógica e a diversidade**. 2011. 53 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) - Universidade de Brasília/Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2011.

SANT'ANA, Izabella Mendes. **Educação inclusiva**: Concepções de professores e diretores. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, mai./ago. 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva (1928). **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. 20. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

ANEXOS

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista com o (a) gestor (a) da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Barretos-SP

No primeiro momento da entrevista o ponto inicial foi registrar o tempo (horário) para a realização da apresentação das informações contidas no TCLE e esclarecimento sobre o tema de pesquisa colocando o entrevistado em seguro domínio sobre as suas indagações e familiarizar-se com o processo de objeto da pesquisa, cujo tema; Educação Física e Educação Inclusiva “A formação do professor”.

A entrevista segue realizada com a participação da gestora de Coordenação Pedagógica da Educação Inclusiva da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Barretos-SP.

Nome do Entrevistador: Flavio Jerônimo da Costa

Nome da (o) Entrevistada (o): M. A. D. P

Data: 24 de outubro de 12

Tipo de entrevista: Semi-estruturada

Horário de início da entrevista: 14h40min.

Horário do termino da entrevista: 16h00min.

QUADRO Nº 1 – COORDENADORA PEDAGÓGICA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BARRETOS-SP

Roteiro de entrevista semi-estruturada

Bloco 1- Descrição do Entrevistado – Gestor Municipal de Educação

M. A. D. P trabalha na secretaria municipal de Educação da cidade de Barretos-SP no cargo de Coordenadora Pedagógica da Educação inclusiva. 44 anos na educação.

Sua formação acadêmica é: Pedagoga, Pós-graduação em metodologia de Língua Portuguesa, Violência contra Criança e Adolescente, Extensão pela

UFU em AEE, concursada no cargo de Coordenadora Pedagógica, Coordenadora do Programa educação inclusiva: direito à diversidade MEC. Que abrange 24 municípios e está no cargo desde 1997.

Bloco 2 – Formação

1- A partir de sua formação acadêmica, o que tem analisado a respeito da inclusão no ensino regular?

2- Em sua formação acadêmica a temática de inclusão era vista como dentro do processo didático e metodológico da Educação no Brasil?

Bloco 3 – Gestão Pedagógica

1. Quais as ações a secretaria tem realizado para abordar o tema Inclusão no ensino regular? Ações, projetos, cursos de formação, projetos de acessibilidade, materiais...para dar o suporte ao trabalho pedagógico dos professores de Educação Física?

2. O município abrange de forma satisfatória a temática de inclusão, e os subsídios para o ambiente escolar se adequar as pessoas com Necessidades Especiais/ pessoas com deficiência?

3. Como a secretaria municipal de Educação tem objetivado para a criança deficiente ter acesso a escola regular, desde a acessibilidade, apoio de psicólogos, assistentes sociais e materiais didáticos? Trabalha com instituições parcerias como APAE, Associação de deficientes físicos e outras?

Resultados das questões formuladas na íntegra;

ENTREVISTADOR: A partir de sua formação acadêmica, o que tem analisado a respeito da inclusão no ensino regular?

ENTREVISTADA: Flávio, dentro da formação acadêmica mesmo, propriamente dita por que também eu dei aulas recentemente no ensino superior e pelo entusiasmo dentro do nosso trabalho a gente acabou se entusiasmando algumas professoras que fizeram com que elas vissem a necessidade de ver as pessoas como pessoas, obviamente são poucas que estão dando ênfase no processo seletivo que já tem esse olhar, elas estão buscando aulas dentro do processo seletivo como de libras, de braile e de AEE e isso me deixa muito feliz, se de 100 professores 10 procurarem este caminho para mim já valeu a pena todo sacrifício que a gente tem enfrentado.

Durante a minha formação acadêmica não se falou nada diretamente sobre a inclusão. Obviamente que agora a partir de 2009 que temos a resolução 4 de 2 de outubro sobre a inclusão.

Que as escolas tem de aceitar as matricula nas salas regulares, os alunos têm direito como todos a participarem de tudo, não é apenas a permanência dele na escola, mas sim a participação dele em tudo que a escola venha a oferecer e com qualidade e respeito. Isso eu posso te garantir que nós temos tentado cumprir esta determinação á principio, na qual eu falo que é de Deus porque na bíblia já diz “amai vos ao próximo como a ti mesmo, e a Deus como todas as coisas”. Eu uso muito isso ate nas minhas palestras.

Quando as pessoas me falam não estou preparado para ter um aluno com deficiência. Ai eu respondo: se você tivesse um filho com deficiência você vai deixá-lo lá na santa casa? Para que ele seja adotado? Então nós temos que olhar para estas crianças, como se fossemos nós, como se fosse nossos filhos. Então, as faculdades os cursos enfim, infelizmente oferece muito pouco esse respeito, me machucava muito às vezes ate colegas mesmo de professores na faculdade que não tinham esse mesmo olhar, e até às vezes eu fico pensando será que sou algum ET? Porque o tanto de entusiasmos que eu tenho e o que eu falo, ajudei, vejo filmes, busco... nunca estudei tanto na minha vida e eu completei 44 anos de educação sem nunca ter parado, e só vim entrar aqui na Educação Inclusiva, porque Deus me colocou neste caminho quando me aposentei do estado com 27 anos de magistério por opção de alfabetização, inclusive fui uma das escolhidas que teve um projeto no estado de São Paulo que chamava Alfabetização e Teoria em Prática que nós tivemos com a professora Telma Vasco, com o Dr. Emilia Ferreira, com Paulo Freire e nós fomos multiplicadores deste projeto que era capacitação.

Dai, isso começou a abrir horizontes a gente vê outras formas de alfabetizar na qual eu não gostava muito de cartilhas eu já tinha meus jeito fora, quando não se levava gibis eu levava gibis, eu era bem assim diferente daquilo que saia da rotina. Porque se você não motiva dentro do seu plano de aula de trabalho, você também não vai conseguir motivar seus alunos.

Todos os dias as mesmas coisas, aquele cabeçalho, aquele arroz com feijão dá no que dá a indisciplina em sala de aula, e depois diz que a Educação hoje não é mais como antigamente.

Será que as aulas estão abordando o respeito pelo aluno? Será que o assunto que você está abordando condiz com aquilo que o aluno veio buscar na escola? Será que aquilo que você está dando tem sentido na vida dele? Tem sentido nos dias atuais?

Então, são vários assuntos que a gente está se falando de inclusão, não é? Mas se isso daí não for cumprido gera a exclusão. E eu te garanto assim; nós temos 365 alunos no universo de 11 mil que nós temos no nosso termo de ensino com uma determinada deficiência intelectual, física, mental e bem trabalhado.

Eu fugi um pouco da pergunta, sobre a formação acadêmica, mas não tem como não dizer que não foi na minha formação acadêmica que nós adquirimos este olhar, foi no dia-a-dia e através daquilo que você faz com amor, nós não estamos fazendo o nosso trabalho como único e exclusivamente para recebermos nosso salário no final do mês.

A gente tem que investir comprar estas ferramentas, que no qual são os nossos livros, filmes que nos leva a refletir sobre o que vem acontecendo de mudanças. E muitas vezes você escuta de um professor, eu não sou obrigado a fazer isso, eu não tenho que comprar aquilo. Mas todo profissional tem que ter o seu instrumento.

ENTREVISTADOR: Em sua formação acadêmica a temática de inclusão era vista como dentro do processo didático e metodológico da Educação no Brasil?

ENTREVISTADA: até então, quando nós tínhamos, quando nós estudávamos, eram salas especiais dentro do sistema de ensino, e aquelas salas especiais era sala de integração, eram alunos com deficiência intelectual dita mental, estudavam em até número de quinze dentro das escolas estaduais de 1º ao 5º ano e não avançavam porque eram tidos como incapazes e o que se passava dali o que aprendiam já era o suficiente.

Só que essas salas, eu porque eu coordenei uma escola padrão na qual tinha uma sala especial, que quando você está fora da sua sala e vendo o contexto geral é que você toma conhecimento.

Mas eu via aqueles alunos e tinha pena, por quê? O nosso recreio era todo junto com os alunos normais. Os alunos deficientes faziam o recreio depois e com isso a professora trancava a porta e tirava a chave e os alunos

ficavam batendo na porta porque queriam sair. E aquilo pra mim era um castigo, eles não estavam na escola, eles estavam sendo castigados. Porque que eles não estariam juntos com os demais alunos?

E eu tive a felicidade em meu ultimo ano de trabalho que foi em 1996, como eu iria me aposentar no inicio do ano eu optei por não pegar a alfabetização, porque eu criava vinculo muito forte com as minhas crianças e eu iria ter pena de deixa-las.

Houve uma mudança no processo de inclusão no Brasil, por questões estas que em 1997 fui convidada pelo prefeito da cidade de Barretos para assumir a secretaria de Educação, sendo que em 1999 assumi a coordenação da Educação Inclusiva.

ENTREVISTADOR: Á partir daí, partindo desta sua fala. Quais as ações a secretaria tem realizado para abordar o tema Inclusão no ensino regular? Ações, projetos, cursos de formação, projetos de acessibilidade, materiais...para dar o suporte ao trabalho pedagógico dos professores de Educação Física?

ENTREVISTADA: ate então em 1999 não existia o decreto como 7651 a resolução 4, então a gente foi fazendo como uma coisa de coração, foi uma coisa nova realmente era tudo novo, nós só conseguimos porque assim como eu fiz as crianças como pessoas e com respeito á elas e tivemos diretores que fizeram a mesma coisa e com isso fui colocando profissionais também.

A princípio por dois anos nós não tivemos professor de braile para eles, aonde eles iriam com uma professora para uma instituição para transcrever para eles a aula para eles. Esta professora tem deficiência visual e está comigo desde o inicio de minha gestão.

Em 2001 nós tivemos uma sala que era de integração, tínhamos 8 alunos matriculados e uma professora com habilidade para atuar na Educação Inclusiva com deficiência visual, que está comigo hoje na coordenação e hoje ela oferece cursos para dar suporte e também uma professora para dar suporte em outras questões.

O trabalho foi muito maravilhoso, foi um trabalho onde as crianças tiveram um avanço positivo. E hoje temos alunos que estão cursando ensino do Instituto Federal de agronegócios, economia e realmente o instituto federal hoje tem 4 alunos de inclusão que realiza cursos, sendo um casal de gêmeos do

sexo feminino, um deficiente visual e um deficiente físico.

ENTREVISTADOR: quanto a educação física, quais são os tipos de ações que a secretaria tem dado suporte para o professor?

ENTREVISTADA: quanto á Educação Física que é uma pergunta bem feita, até nem sei se vou conseguir te responder claramente, a secretaria nunca fechou portas para ninguém.

Nós tentamos por varias vezes pegar algum professor que tínhamos mais amizade, e diríamos olha... faça este curso, nós ganhamos da Universidade Federal de Uberlândia vagas em vários cursos, oferecemos por vários profissionais, mas muitos não realizaram o curso e outros não finalizaram o curso.

Eu acredito a partir de você, se você acreditar que você é capaz de fazer esta mudança em primeiramente em você, pois se você começa e achou difícil e acha que não vale a pena, então realmente não vai acontecer.

Ate então nos não temos uma educação física adaptada e nos temos alunos que merecem. Quando eu vejo nas paraolimpíadas os atletas trouxeram muito mais medalhas do que propriamente dito atletas normais, eu vejo a falta da educação física de Barretos que faz para nossos alunos. Não é que as aulas não existam, mas o professor não esta preparado para enfrentar a educação inclusiva.

Nos temos alunos na rede que tem uma capacidade física legal para jogar futebol, outro faz natação, então dai eu penso porque não Barretos pode preparar nossos alunos para o esporte. Parte das aulas de Educação Física escolar, pois o aluno deficiente as vezes se destaca bem melhor nas aulas de Educação Física do em disciplinas de sala de aula.

Então, vejo que as coisas estão acontecendo, percebemos que muitos professores de Educação Física não tem esse compromisso, nós da secretaria damos o suporte como apoio pedagógico, estruturamos a acessibilidade de materiais didáticos, mas parte do professor em suas aulas contemplar o aluno deficiente, adaptando suas aulas e percebendo as dificuldades encontradas por aquele aluno e buscar auxilio.

Eu espero que você Flávio, continue nesta sua dedicação e empenho na sua pesquisa para detectar os possíveis problemas que a Educação Inclusiva enfrentou no passado e de como ela esta sendo aceita hoje inclusive nas aulas

de Educação Física.

É com dedicação e interesse pelo tema que você escolheu que talvez você possa mudar a realidade das aulas de Educação Física que são oferecidas nos dias de hoje.

É um grande prazer recebê-lo aqui, pois durante todos estes anos de profissão nunca um aluno de qualquer curso veio fazer uma entrevista comigo, quando se fala de Educação Inclusiva. Espero que você seja um dos nossos profissionais de Educação Física trabalhando com nossos alunos.

ENTREVISTADOR: muito obrigado;

ENTREVISTADOR: continuando a nossa entrevista; O município abrange de forma satisfatória a temática de inclusão, e os subsídios para o ambiente escolar se adequar as pessoas com Necessidades Especiais/ pessoas com deficiência?

ENTREVISTADA: olha não temos nada que desabone o município, pois desde 1999 os problemas que vem surgindo eles não são propriamente dito pela própria administração, mas a gente se foca nas pessoas que fazem parte desta administração.

Mas se você pegar uma porcentagem ela é uma porcentagem mínima, se chegamos até onde chegamos nós nos tornamos até polo regional na qual faz parte dos 24 municípios da nossa abrangência que nós conquistamos a credibilidade entre os 16 municípios nós mantemos encontros mensais para estudos com dados e palestras com profissionais do MEC como a Prof^a Rosângela Machado que deu essa base de conhecimento, para que quando começa a surgir tantas dificuldades é como se tivéssemos buscando em artigos, livros da Educação Inclusiva, na qual você busca ali ferramentas de auxílio como seminários e fora isso temos nosso programa de Educação Inclusiva que busca o direito à diversidade, que através dele dá formação para diretores, coordenadores e professores de libras, braille e AEE não só de Barretos como para outros polos também e nós conseguimos trazer pela seriedade do trabalho que a gente sempre procurou desenvolver, profissionais autores dos fascículos, dos livros que são indicados como Prof^a Maria Tereza Mantuan, Prof^a Rita Vieira de Figueiredo da Universidade Federal do Ceará, entre outros que nós tivemos aqui em Barretos como Dr^a Eugênia Gonzaga promotora da União, Dr^a Rebeca Nunes promotora do Rio Grande do Norte,

que são as pessoas que fica no enfrentamento desta parte que compõe a legislação.

ENTREVISTADOR: correto!!! Vamos para a nossa terceira pergunta. Como a secretaria municipal de Educação tem objetivado para a criança deficiente ter acesso a escola regular, desde a acessibilidade, apoio de psicólogos, assistentes sociais e materiais didáticos? Trabalha com instituições parcerias como APAE, Associação de deficientes físicos e outras?

ENTREVISTADA: a partir do momento em que os pais nos procuram o aluno é matriculado, e no ato eu pergunto em que bairro moram e a partir daí eu matriculo o aluno na escola mais próxima de sua residência.

Como eu disse anteriormente em 1999 havia apenas uma escola de integração na qual tínhamos apenas um professor habilitado que tinha o conhecimento de braile e de libras. A partir do momento que foi dando formação profissional para estes profissionais dentro da área de libras e braile e o atendimento educacional especializado, então nos tivemos mais condições de termos mais profissionais atuando nessas áreas e damos mais condições para que estes alunos se matriculassem próximo as áreas de residência.

E hoje a gente orgulho em dizer que a partir daqui o aluno é muito bem recebido, porque primeiramente eu me coloco na cadeira em que você esta sentado, eu como pai de como eu gostaria de ser atendida. Porque se fosse meu filho o que eu gostaria de ouvir não é? Então a partir dessa premissa eu os atendo e encaminho, conseguimos junto à secretaria municipal de saúde que eles deslocassem duas psicólogas para atende os nossos alunos, ate então o meu sonho era ter centrinhos que estivesse todos os profissionais que nós precisássemos o neuro, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, mas é outro passo que a gente já esta dando para o ano que vem, mas os avanços já foram grandes.

ENTREVISTADOR: Muito bem!!! Como a secretaria municipal de Educação tem objetivado para a criança deficiente ter acesso à escola regular, desde a acessibilidade, apoio de psicólogos, assistentes sociais e materiais didáticos? Trabalha com instituições parcerias como APAE, Associação de deficientes físicos e outras?

ENTREVISTADA: quando nós começamos com a questão de aluno de inclusão recebemos muitos alunos da APAE que eram tidos como leves, mas

para nós uma deficiência intelectual. Então esses alunos vieram e nos tivemos que primeiramente trabalhar com nossos professores para que eles pudessem entender que o tempo dos alunos não era igual, mas hoje eu posso afirmar que esses alunos vieram para mudar o rumo da educação, porque através deles você trabalha, faz as intervenções e mediações nas horas certas que ele tenha avanço, porque não fazer com os demais.

Nós temos aqui em Barretos um vínculo muito bom com a APAE, por quê? No momento em que a instituição nos procura os alunos são matriculados.

A APAE é um tipo de atendimento que eu vou fazer pessoalmente, porque eu quero saber o histórico do aluno, e desvincula da matrícula de lá e se matricula conosco.

Mas por outro lado eles devem continuar com o atendimento com os especialistas, porque ele é uma criança que tem o direito a escolarização uma escola regular, mas tem a necessidade de tratamento com especialistas dentro das instituições da APAE.

ENTREVISTADOR: Voltando ao tema de Educação Física e inclusão, o que você abordaria sobre a formação continuada do professor de Educação Física?

ENTREVISTADA: apresentei um bloco no curso de pós-graduação em um curso de Educação Física, eu gostaria que os profissionais de Educação Física olhassem para seus alunos como todos capazes de fazer e procurar ajuda-los a descobrir onde esta a sua habilidade e facilitar para que ele seja um vencedor capaz e criar forças para que ele sai daquele estigma na qual foi rotulado. E agente tem mostrado através do trabalho de nossas escolas que tem avanço nas aulas de Educação Física, basta que os professores busque conhecimento sobre a temática de inclusão.

ENTREVISTADOR: Neste momento termina aqui a nossa entrevista e eu gostaria que você deixasse uma mensagem para os professores de Educação Física relacionado ao tema de Inclusão e a criança com deficiência.

ENTREVISTADOR: Eu vejo a Educação Física como superação, a pessoa que já nasce com a deficiência necessita de atividades que faça o aluno a buscar estímulos tantos físicos, psicológicos e sociais, pois o professor de Educação Física deve proporcionar estímulos para que o aluno busque na

arte do esporte, por exemplo, a superação de extensão não para vencer, mas com que faça o aluno a ser valorizado, contribuindo na compreensão através do esporte.

O trabalho pedagógico do professor de Educação Física não só contribui no processo pedagógico, mas acho que deveria ser implantado com uma ordem maior no processo educativo.

ENTREVISTADOR: bom... Terminamos este bloco de entrevista, na qual estive com a coordenadora da secretaria municipal de educação inclusiva da cidade de Barretos M.A.D.P. Meus agradecimentos!!!

ENTREVISTADA: Muito bem Flavio, quero lhe parabenizar por este trabalho, e espero que o pouco de minha experiência possa contribuir neste processo de aprendizagem.

Entrevista com o (a) Professor (a) da rede Municipal de Educação do Ensino Fundamental da cidade de Barretos-SP

No primeiro momento da entrevista o ponto inicial foi registrar o tempo (horário) para a realização da apresentação das informações contidas no TCLE e esclarecimento sobre o tema de pesquisa colocando o entrevistado em seguro domínio sobre as suas indagações e familiarizar-se com o processo de objeto da pesquisa, cujo tema; Educação Física e Educação Inclusiva “A formação do professor”.

A entrevista segue realizada com a participação da professora de Educação Física da rede Municipal de Educação da cidade de Barretos-SP. Atuante há 6 anos na Educação Física.

Nome do Entrevistador: Flavio Jerônimo da Costa

Nome da (o) Entrevistada (o): J.E.P

Data: 24 de outubro de 12

Tipo de entrevista: Semi-estruturada

Horário de inicio da entrevista: 18h30min

Horário do termino da entrevista: 20h00min

QUADRO Nº 2 – PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BARRETOS-SP

Bloco 1 – Descrição do entrevistado – Professor de Educação Física

Professora de Educação Física: J. E. P. formada há: 6 anos no curso de licenciatura em Educação Física, pela Universidade UNIFRAN-UNIVERSIDADE DE FRANCA no ano de 2006.

Trabalha na instituição Escola Municipal de Educação Matilde Gitay de Melo.

Bloco 2 – Formação

1- Durante a sua formação acadêmica como foi tratada a disciplina de Educação Física para pessoas com Necessidades Especiais?

2- Você tem formação continuada sobre os aspectos de inserção do aluno deficiente nas aulas de Educação Física?

3- Já buscou alguma formação continuada para atender essa realidade em sua prática? (Como? Quando? Em que instituição? Quanto tempo de duração? Nível? (especialização, aperfeiçoamento...))

Bloco 3 – Prática Pedagógica

1- Você considera importante a inserção do aluno deficiente nas aulas de Educação Física? Por quê?

2- Quantos alunos com deficiência você tem? E quais das deficiências deles?

3- Quais as dificuldades que você encontra na sua rotina?

4- Você acredita que a formação continuada do professor possa dar qualidade no ensino educacional? De que forma?

5- Há algum suporte técnico-pedagógico que contribui para sua atuação na educação inclusiva?

ENTREVISTADOR: Estou aqui com a professora J.E.P para realizar um trabalho de campo com uma entrevista semi-estruturada na qual a partir deste momento todas as falas serão gravadas.

ENTREVISTADOR: Durante a sua formação acadêmica como foi tratada

a disciplina de Educação Física para pessoas com Necessidades Especiais?

ENTREVISTADA: a disciplina foi tratada no último ano ou seja 3º ano, com alguns temas sobre a Inclusão. Durante a disciplina os temas foram bem poucos abordados, apenas algumas deficiências, as causas e de como seria o trato pedagógico para que a as aulas realmente fossem inclusivas.

No meu ver colaborou bastante com a minha formação, abriu os meus horizontes e deu para perceber que adaptando as aulas, a inclusão realmente acontece.

ENTREVISTADOR: aproveitando na sua fala sobre os conteúdos estudados durante o curso, eu gostaria de saber se: Você tem formação continuada sobre os aspectos de inserção do aluno deficiente nas aulas de Educação Física?

ENTREVISTADA: eu já fiz alguns cursos ministrados por algumas instituições e tenho especialização em educação especial, é um curso que eu escolhi para dar continuidade já que realmente a gente precisa estar preparada na escola para receber o aluno especial.

ENTREVISTADOR: a nossa próxima pergunta é basicamente no que você acabou de responder. Eu gostaria de saber se dentro do que você aprendeu atende a todas as realidades de sua pratica nos dias de hoje?

ENTREVISTADA: Eu acredito que sim, quando a gente tem o conteúdo teórico quando a gente conhece realmente aquilo que precisamos trabalhar, fica mais fácil na realidade, pois não adiante eu não saber quais as características, as dificuldades de uma pessoa que tem deficiência auditiva, por exemplo; nas minhas se não conhecer profundamente esta teoria não tem como eu adaptar as aulas. Eu acredito que teoria e pratica são aliados e isso faz com esta formação estejamos mais preparados para receber estes alunos.

ENTREVISTADOR: Você considera importante a inserção do aluno deficiente nas aulas de Educação Física? Por quê?

ENTREVISTADA: Sim, considero importante, pois é um direito deles assim como dos outros alunos, acredito que as aulas de educação física vêm a favorecer o desenvolvimento global do aluno, físico, motor, psicológico, emocional e social. É claro que a educação física evidencia muito se difere das outras disciplinas. Tem algumas barreiras que acaba fazendo com que o aluno tenha um pouco de medo. Nas minhas experiências o fator grupo ajuda muito

neste desenvolvimento, pois faz parte da formação do aluno.

ENTREVISTADOR: quais são as metodologias que trabalha em suas aulas para que o aluno perceba a sua importância nas aulas de Educação Física?

ENTREVISTADA: são métodos de desenvolvimento integral, ou seja, a cooperação e estímulo para que o aluno busque nas aulas a superação, buscando sempre conversar sobre os fatores de acolhimento da turma em geral.

ENTREVISTADOR: quantos alunos você tem em suas aulas?

ENTREVISTADA: tenho dois alunos com deficiências físicas e um aluno com deficiência intelectual.

ENTREVISTADOR: Quais as dificuldades que você encontra na sua rotina?

ENTREVISTADA: eu acho que a maior dificuldade é o professor esta despreparado, não são os alunos que tem que se adaptarem a nos, somos nos que devemos estar preparados para receber o aluno de inclusão, o nosso desafio é buscar conteúdos que contemple todos os tipos de deficiência de inclusão escolar. A escola é o acesso para aprendizagem.

ENTREVISTADOR: quando você fala sobre o acesso, quais são as dificuldades que a escola em si encontra para atender o aluno com deficiência? Tanto espaço físico, material didático e apoio pedagógico?

ENTREVISTADA: já melhorou um pouco, se a gente analisarmos á alguns anos trás a escola conseguiu se evoluir, mas bem pouco ainda, a gente sabe que a criança necessita mais de apoio multidisciplinar, não simplesmente colocar ela em uma sala e isso não é inclusão, temos que aprofundar nos aspectos de aprendizagem. Eu acredito que esta equipe multidisciplinar seria fundamental para dar apoio, por isso muitos frequentam instituições como APAE para ser atendidos por especialistas.

ENTREVISTADOR: nesta fala, você julgaria necessárias estas instituições citadas como a APAE atender estes alunos e não á escola se adaptar e atende-los de forma geral?

ENTREVISTADA: muitos ainda acham errado ter estas instituições para atender a inclusão, pois a escola seria um único espaço para que o aluno tenha um convívio social amplo. Mas devido a nossa realidade são espaços que são

uteis, pois tem equipes especialistas que atende de forma satisfatória todos os alunos deficientes, de alguma forma eles precisam deste apoio para se desenvolver globalmente. É claro que o aluno dentro da escola encontra um aprendizado eficaz, mas não descarto o acompanhamento das instituições especializadas.

ENTREVISTADOR: bom... Professora você acredita que a formação continuada do professor possa dar qualidade no ensino educacional? De que forma?

ENTREVISTADA: como eu tinha dito anteriormente a escola tem que estar preparada para receber os alunos especiais. O professor deve sim ter uma formação continuada para atender os alunos, é uma formação fundamental para a prática docente, o professor não pode estacionar apenas naquilo que aprendeu no curso, pois precisa fundamentalmente se atualizar nos cursos para superar os desafios.

ENTREVISTADOR: há algum suporte técnico que contribui para o processo de formação na temática de educação inclusiva?

ENTREVISTADA: na escola em sim eu acredito que ainda há o que se fazer, a gente não tem capacitação, reuniões, para estar debatendo estas temática relacionadas à rotina e desafio que a gente enfrenta. Mas eu acredito que realmente o suporte técnico é essencial para a temática de inclusão.

ENTREVISTADOR: Você julga importante a aula de Educação Física para alunos Deficientes? Por quê?

ENTREVISTADA: Acho muito importante as aulas de Educação Física, ela contribui para o desenvolvimento global da criança em seus vários aspectos, a gente percebe a melhora com muita facilidade, quando a criança esta incluída ela se relaciona melhor com os amigos, se faz presente nos grupos, e acaba de destacando. Por base temos que trabalhar as capacidades destes alunos.

ENTREVISTADOR: Para fechar este bloco de entrevistas, eu gostaria que a professora deixasse uma mensagem para todos os profissionais de Educação física.

ENTREVISTADA: Digo que primeiramente o professor deve buscar subsídios para o trabalho pedagógico tratando da temática de inclusão, fazendo das aulas de educação física ferramentas de superação.

Entrevista com o (a) Professor (a) da rede Municipal de Educação do Ensino Fundamental da cidade de Barretos-SP

No primeiro momento da entrevista o ponto inicial foi registrar o tempo (horário) para a realização da apresentação das informações contidas no TCLE e esclarecimento sobre o tema de pesquisa colocando o entrevistado em seguro domínio sobre as suas indagações e familiarizar-se com o processo de objeto da pesquisa, cujo tema; Educação Física e Educação Inclusiva “A formação do professor”.

A entrevista segue realizada com a participação do professor de Educação Física da rede Municipal de Educação da cidade de Barretos-SP.

Nome do Entrevistador: Flavio Jerônimo da Costa

Nome da (o) Entrevistada (o): M. J. S.

Data: 24 de outubro de 12

Tipo de entrevista: Semi-estruturada

Horário de inicio da entrevista: 21h00min.

Horário do termino da entrevista: 22h30min.

QUADRO Nº 3 – PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE BARRETOS-SP

Bloco 1 – Descrição do entrevistado – Professor de Educação Física Professor de Educação Física: M. J. S. formado há: 8 anos no curso de licenciatura em Educação Física, trabalha na instituição Escola Municipal Dorival Leite. Formado pela Universidade UNIFAFIBE- UNIVERSIDADE DE BEBEDOURO no ano de 2004. Bloco 2 – Formação 4- Durante a sua formação acadêmica como foi tratada a disciplina de Educação Física para pessoas com Necessidades Especiais? 5- Você tem formação continuada sobre os aspectos de inserção do
--

aluno deficiente nas aulas de Educação Física?

6- Já buscou alguma formação continuada para atender essa realidade em sua prática? (Como? Quando? Em que instituição? Quanto tempo de duração? Nível? (especialização, aperfeiçoamento...)

Bloco 3 – Prática Pedagógica

6- Você considera importante a inserção do aluno deficiente nas aulas de Educação Física? Por quê?

7- Quantos alunos com deficiência você tem? E quais das deficiências deles?

8- Quais as dificuldades que você encontra na sua rotina?

9- Você acredita que a formação continuada do professor possa dar qualidade no ensino educacional? De que forma?

10- Há algum suporte técnico-pedagógico que contribui para sua atuação na educação inclusiva?

ENTREVISTADOR: Estou aqui com o professor M. J. S. para realizar um trabalho de campo com uma entrevista semi-estruturada na qual a partir deste momento todas as falas serão gravadas.

ENTREVISTADOR: Durante a sua formação acadêmica como foi tratada a disciplina de Educação Física para pessoas com Necessidades Especiais?

ENTREVISTADO: Durante o curso de Educação Física a disciplina que tive sobre inclusão, abordou alguns artigos, mas não foi o suficiente para adquirir uma bagagem tão profunda sobre a inclusão. Mesmo porque são temas que deveriam ser mais discutidos não só nas universidades, mas sim na percepção de todos os cidadãos. Por que na verdade o termo inclusão já gera uma sintonia de exclusão, pelo fato de que hoje as pessoas pensam em inclusão para pessoas anormais. E para eu, ninguém é normal cada ser tem uma deficiência, então eu não sei o porquê deste termo “inclusão”.

ENTREVISTADOR: Durante a sua formação acadêmica você buscou informações que contribuísse para o seu aprendizado, se tratando de inclusão?

ENTREVISTADO: Sim, realizei cursos preparatórios inclusive uma pós-graduação em Educação Inclusiva pela UNIRP. E entre as minhas experiências

nas aulas de Educação Física, fui buscando informações em artigos científicos e livros de autores que fundamenta o processo de inclusão escolar.

ENTREVISTADOR: Eu gostaria de saber se dentro do que você aprendeu atende a todas as realidades de sua pratica nos dias de hoje?

ENTREVISTADO: Na universidade não, tive que me aprofundar em estudos como disse, na pós-graduação e cursos complementares, pois na universidade a abordagem da temática não me trouxe subsidio algum para o meu trabalho cotidiano. A prática é claro que é o momento em que o professor busca alternativas de inserção do aluno deficiente, buscando naquilo acreditar que é possível uma escola de inclusão á a partir das aulas de Educação Física.

ENTREVISTADOR: Você considera importante a inserção do aluno deficiente nas aulas de Educação Física? Por quê?

ENTREVISTADO: A participação do aluno deficiente nas aulas de Educação Física é de suma importância, pois vai depender da forma em que o professor vai receber este aluno. Se for para que o aluno faça parte da aula para desenvolver alguma habilidade e o professor trabalhar aquela habilidade do aluno, digamos que é valido. Mas se for para o aluno ficar jogado no canto da quadra sem ao menos conhecer o que é a Educação Física não adianta tirá-lo de uma instituição e jogá-lo na escola como o que acontece hoje.

ENTREVISTADOR: quais são as metodologias que trabalha em suas aulas para que o aluno perceba a sua importância nas aulas de Educação Física?

ENTREVISTADO: primeiramente procuro contemplar em meus planos de aulas, aula adaptada que favorece tanto o aluno diga “normais” tanto o aluno deficiente. Pois se o professor não fizer esta intervenção, a aula não tem como ser justificada e avaliada. Então eu acredito que o professor deva contemplar em seus planos de aulas mesmo que não tenha alunos deficientes aulas adaptadas, pois quem garante que um aluno normal não possui algum tipo de deficiência que não detectamos.

ENTREVISTADOR: você tem algum aluno deficiente?

ENTREVISTADO: sim, tenho um aluno deficiente físico.

ENTREVISTADOR: Que tipos de atividades você trabalha para atender esta deficiência? E quais as dificuldades que você encontra na rotina?

ENTREVISTADO: em minhas aulas procuro sempre trazer novas

aprendizagens para o aluno, pois a cada momento a Educação Física se transforma, basta que o professor sempre esteja atualizado. Um fato legal de sua pesquisa é que você aborda a temática de inclusão já utilizando os termos atualizados que é Pessoas com Necessidades Especiais. E isso já é um avanço para a educação. Voltando ao questionamento, as minhas aulas sempre contempla atividades adaptadas, pois vejo a necessidade de trabalhar conteúdos que busca colocar os meus alunos junto à realidade atual. As dificuldades encontradas são os suportes pedagógicos em que não só eu, mas muitos professores não têm do município para engajar na educação inclusiva.

ENTREVISTADOR: quais tipos de suporte que você acha que o município deva oferecer para os professores de Educação Física?

ENTREVISTADO: Muito bem, ótima pergunta, em minha opinião o município não oferece suporte algum para os professores de Educação Física. Acredito que necessitamos de oficinas pedagógicas, palestras mesmo que não seja com profissionais da área, mas sim com especialistas de saúde e pedagogos que trabalhe o tema de inclusão, oferecendo para nós professores de Educação Física suportes literários atuais, pois não adianta somente alguns professores buscar lá fora, tem que garantir também o processo continuado aqui em nossa cidade. Hoje o professor precisa deste apoio principalmente da educação municipal de Barretos.

ENTREVISTADOR: você conhece instituição que atende alunos deficientes fora da escola? Você concordaria com este processo?

ENTREVISTADO: sim, temos a APAE que atende alunos deficientes, mas só para trabalhos especiais de casos mais pesados, casos leves são tratados, mas não frequentam a instituição sendo inseridos na escola. Particularmente eu concordo em partes, pois a escola deveria ter este tipo de acessibilidade para o aluno como; acesso aos atendimentos psicológicos, assistentes sociais, fonoaudiólogos entre outros profissionais.

ENTREVISTADOR: Quanto à formação continuada do professor, você acredita que possa dar qualidade no ensino educacional? De que forma?

ENTREVISTADO: Acredito que é muito importante o professor ter uma formação continuada, pois como eu disse anteriormente o professor deve buscar sempre se atualizar, fazendo cursos sobre a temática de Inclusão, mesmo porque eu acredito que a escola receberá mais crianças deficientes.

Sempre é bom o professor estar cada dia mais preparado para atuar, pois muitos não conseguem desenvolver um bom trabalho porque não buscam novas aprendizagens. Tiro base por alguns colegas de profissão, que não tem conhecimento sobre a temática, então acabam que deixando de realizar um bom trabalho nos aspectos de inclusão.

ENTREVISTADOR: há algum suporte técnico-pedagógico que contribui para o processo de formação na temática de educação inclusiva?

ENTREVISTADO: O município passa por fases políticas que deixam de lado, algo que mais valida o ensino que é a Educação, então particularmente eu digo que não há suporte técnico pedagógico que faça com que o ensino tenha uma boa mediação entre o saber e a prática do professor. Para a Educação Física não há suporte, quando temos algum problema mais sério, procuramos a coordenadora da escola e ali tomamos algumas providencias encaminhando os casos para a secretaria e a partir dai não sabemos mais o que será feito.

Então eu acho que, ainda falta muito para que a Educação de Barretos tenha um avanço nas aulas de Educação Física, basta que o professor trabalhe, busque formação fora da cidade, cursos preparatórios entre outros, mas sem esperar algum suporte pela secretaria de Educação.

ENTREVISTADOR: Você julga importante a aula de Educação Física para alunos Deficientes? Por quê?

ENTREVISTADO: Sim, eu como professor tenho que defender a minha profissão. Sem duvidas a Educação Física é o momento que acredito mais importante no processo de desenvolvimento do aluno, não que as outras disciplinas não possam contribuir, mas a Educação Física ela é especial, trata de vários assuntos reflexivos sobre o corpo, saúde, cultura e desenvolve um trabalho integral com o aluno, não adianta apenas pegar o aluno deficiente e jogá-lo na quadra e esperar que ele faça algo, necessita do professor inserir este aluno junto aos demais alunos. Só de o aluno participar de uma roda de conversa, por exemplo; ele já sente acolhido pelo grupo, e isso é muito bom.

ENTREVISTADOR: Para fechar este bloco de entrevistas, eu gostaria que a professor deixasse uma mensagem para todos os profissionais de Educação física se tratando da temática de Inclusão.

ENTREVISTADO: Aos meus colegas de profissão só tenho a dizer que

busquem nunca se cansem da profissão, mesmo que o trabalho seja árduo, mas tenha sempre a certeza de que a mudança você fez, e todo mérito é seu, lá na frente o aluno vai lembrar-se do humilde professor que lutou pela sua aprendizagem. Obrigado, vou acreditar em você Flávio, tenho certeza de que irá fazer um bom trabalho na Educação.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto: de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso para a Monografia Acadêmica, na área do curso de Licenciatura da Educação Física UAB/UnB com o tema “Educação Física e Educação Inclusiva”.

O objetivo desta pesquisa é: analisar o processo de formação do professor de Educação Física, buscando mapear junto à secretaria de Educação Municipal os subsídios didáticos pedagógicos na inserção da criança deficiente no ensino regular.

O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação será através de uma entrevista **semi-estruturada**, na qual utilizaremos de um aparelho de gravação (áudio) para colher dados reais de sua fala, onde eu acadêmico; **Flávio Jerônimo da Costa**, irei buscar em sua pronuncia os conteúdos referentes à pesquisa de campo obrigatória que permitirá comparar os dados fornecidos, buscando dar para a versão final do trabalho monográfico a conclusão do tema em questão, sendo orientado pela **Prof^a: Margarete Zambeli da Silva**

Bem como qualquer incômodo relatado, que o(a) senhor(a) deverá responder no setor de sua própria escolha, no período de 15 á 19 de Outubro de 2012 com um tempo estimado para a entrevista, tendo como no 1º bloco apresentar-se, seguido do 2º bloco que será realizada perguntas em forma de questionários sobre a sua formação acadêmica, prosseguindo ao 3º bloco que falaremos sobre sua pratica pedagógica no âmbito escolar. Lembrando que a entrevista será realizada em uma única vez.

Informamos que o (a) Senhor (a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade Federal de Brasília/UAB podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Se o (a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, telefone para: 3322 81 84 polo de Barretos – UAB/UnB, no horário: de segunda á sábado das 8h00min ás 22h00min.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome / assinatura

Flávio Jerônimo da Costa

Pesquisador Responsável

Barretos, ____ de _____ de _____

TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, _____
_____, RG _____, CPF _____, abaixo
assinado, autorizo a utilização para fins acadêmico científicos do conteúdo do
(teste, questionário, entrevista concedida e imagens registradas – o que for o
caso) para a pesquisa: **“Educação Física e Educação Inclusiva” O
professor de Educação Física está preparado pedagogicamente para
atuar na Educação Inclusiva na rede Municipal do Ensino Fundamental I
na cidade de Barretos-SP.**

Fui devidamente esclarecido pelo (a) aluno(a): **Flavio Jerônimo da Costa**
sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os seus
objetivos e finalidades. Foi-me garantido que poderei desistir de participar em
qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Também fui
informado que os dados coletados durante a pesquisa, e também imagens,
serão divulgados para fins acadêmicos e científicos, através de Trabalho
Monográfico que será apresentado em sessão pública de avaliação e
posteriormente disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de
Monografias da UnB.

Barretos-SP, ____ de _____ de _____

Nome / assinatura

Flávio Jerônimo da costa
Pesquisador Responsável